

FE CRISTÃ

Edição 10, Ano 2, Nº 10, dezembro de 2021

Revista **Digital**

Natanael Castoldi

PANDEMIA E CRISE ESPIRITUAL

Wallas
Pinheiro

O Primeiro Governo
Humano e Seu Objetivo

Maurício
Zágari

O Evangelho da Paz
e o Discurso de Ódio



\\ Sumário

4. Editorial

Para a glória e a fama de Jesus

5. Devocional

A Igreja de Jesus precisa de Doutores

7. Escatologia

Cristo, o tema da profecia do Antigo Testamento

10. Política

O Primeiro Governo Humano e Seu Objetivo

17. Psicologia

Pandemia e Crise Espiritual

25 Conversando com... Maurício Zágari

29. Soteriologia

Somos pecadores porque pecamos ou pecamos porque somos pecadores?

38. Pneumatologia

O relacionamento com o Espírito Santo: conhecimento e experiência

43. Arte

O Modo de Vida nas Expressões Artísticas



FUNDADA EM 2020

EDITOR-CHEFE/DIRETOR DE REDAÇÃO: Marcos Motta
EDITOR-ADJUNTO: Wallas Pinheiro **IDENTIDADE VISUAL:** Gabriel Ferreira **CAPA:** Marcos Motta **DESIGN INTERNO:** Marcos Motta **REVISÃO:** Lorena Garrucho
CONTRIBUIÇÕES NA EDIÇÃO: Equipe de colaboradores **DIAGRAMAÇÃO:** Marcos Motta
PUBLICIDADE / DIVULGAÇÃO / PROPAGANDA: Equipe de colaboradores **ATENDIMENTO AO LEITOR:** Marcos Motta **CONTATO:** redes sociais.

REVISTA FÉ CRISTÃ, edição 10, ano 2, nº 10, dezembro de 2021, é uma publicação cristã independente, interdenominacional e mantida tão somente por seus colaboradores. **EDIÇÕES ANTERIORES:** disponíveis para download no endereço eletrônico da revista. Disponíveis para pedido através de contato via redes sociais oficiais. **A REVISTA FÉ CRISTÃ** não tem fins lucrativos. Este é um material gratuito, portanto, este arquivo não pode ser vendido. O compartilhamento via redes sociais e dispositivos eletrônicos é livre. A impressão, total ou parcial, para uso pessoal ou congregacional, no caso de igrejas, é totalmente permitida, desde que, quando de uso público, a fonte do material seja citada. O conteúdo de cada coluna e/ou artigo é de inteira responsabilidade de seus autores.

revistafecrista.com

facebook.com/revistafecrista

instagram.com/revistafecrista

Editorial

Para a glória e a fama de Jesus

É com muita alegria que trazemos para você, leitor, mais um número da Revista Fé Cristã. É um privilégio, para nós, termos leitores tão fiéis e interessados no conteúdo da revista.

Neste número, trataremos de assuntos muitíssimo importantes, nas áreas de psicologia, política, arte, soteriologia, escatologia, apologética, pneumatologia, sem contar que, em todos os artigos, você vai encontrar diálogos interessantíssimos com o universo filosófico.

Para abrir os trabalhos, logo após este editorial, você vai encontrar um devocional extremamente relevante escrito pelo pastor português Joel Bueche Lopes, sobre a necessidade de doutores na Igreja de Jesus, o qual além de profundíssimo, já serve de grande incentivo para você ler os artigos que se seguem.

Nas palavras do Pr. Joel, *“A erudição de Paulo, no entanto, faz parte da Providência divina para a realização do seu ministério e para a formação e*

sedimentação da Igreja neotestamentária.” Doutores, aqui, são aqueles irmãos da igreja *“que se dedicam mais à aprendizagem especializada da teologia e ao seu respectivo ensino”*.

A Revista Fé Cristã tem por objetivo justamente o equipar estes irmãos para a glória e fama de Jesus, para que a Igreja seja edificada e firmada sobre a rocha sólida que é Jesus Cristo, nosso Senhor.

No espaço reservado para a matéria da escatologia, você encontrará um artigo originalmente disponibilizado no blog *amilenismo.com*, de autoria de Robert B. Strimple, que fala sobre Cristo (e não Israel) ser o tema da profecia do Antigo Testamento. Tradicionalmente, e com base em exegese equivocada de muitas passagens bíblicas, temos dado tanta importância para a nação de Israel, que perdemos de vista a realização de Deus de Suas promessas e palavras em Cristo e na Igreja. Para o irmão Robert, a pergunta crucial que todos devemos fazer é sobre como o Novo Testamento nos ensina e

incentiva a interpretar as profecias do Antigo Testamento. Esperamos que você seja imensamente edificado por este artigo.

O destaque deste número vai para a baita entrevista concedida a nós pelo escritor Maurício Zágari, sobre sua obra *O Evangelho da Paz e o Discurso de Ódio*, que ele escreveu em parceria com outros grandes nomes da literatura cristã do Brasil e do mundo.

Para Zágari e os demais autores, este é o momento perfeito para falarmos sobre *“como conciliar a mensagem de não-agressão, não-revide, não-beligerância, amor, paz e compaixão do Evangelho de Cristo com o discurso de ódio que pode facilmente ser identificado nas palavras de multidões de cristãos no âmbito público em nossos dias.”*



MARCOS MOTTA
Editor-chefe

A Igreja de Jesus precisa de doutores



Joel Bueche Lopes é pastor na Igreja Acção Bíblica, em Faro, Portugal, e diretor pastoral do Seminário Martin Bucer Portugal. Formado em Teologia e Psicologia. Casado com a Talita e pai de quatro.

“E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo.” (Efésios 4:11-12)

O ministério pastoral é fundamentado sobre dois pilares absolutamente indispensáveis: a palavra e a oração. Todo pastor é chamado a uma vida de oração, tanto para nutrir a sua alma como para interceder pelo seu rebanho, tal como a ensinar a Palavra, principalmente a partir do púlpito, mas, também, e necessariamente, a partir de outros contextos, tais como o

aconselhamento, o tão conhecido discipulado, os pequenos grupos, e diversas reuniões, em ambientes formais e informais.

Encontramos presbíteros que se dedicam de uma forma mais focada ao ministério do ensino e da pregação (1 Timóteo 5:17), no entanto, todos são chamados a estarem aptos para ensinar e a manejar bem a Palavra de Deus (1 Timóteo 3:2; 2 Timóteo 2:24; 2 Timóteo 2:15). Neste sentido, ao longo da História, Deus tem levantado doutores que se dedicam mais à aprendizagem especializada da teologia e ao seu respectivo ensino. Não foi por acaso a escolha de Saulo de Tarso para ser um dos apóstolos de Jesus e um dos fundamentos da Igreja (Apocalipse 21:14). Paulo estudou aos pés do melhor teólogo da sua época, Gamaliel (Atos 22:3), e isso se refletiu na tarefa que Deus lhe deu na formação da Igreja cristã, tanto no ensino nas Igrejas por

onde passava, como pelas cartas e respectivo teor bastante teológico que escreveu, bem como na formação de novos pastores (e.g. Timóteo e Tito).

Vemos, em muitas vezes, Paulo como um plantador de Igrejas e missionário, e esquecemos do seu trabalho como doutor da Igreja. Sim, Paulo considerava todas as suas qualificações terrenas como refugio, mas quando comparadas com a pessoa de Jesus (Filipenses 3:4-11). Qualquer que seja a melhor coisa da vida que possamos experimentar, dada pelo próprio Deus, quando comparada com Jesus, sempre será considerada como refugio. A erudição de Paulo, no entanto, faz parte da Providência divina para a realização do seu ministério e para a formação e sedimentação da Igreja neotestamentária.

Depois de Paulo, vieram outros com a mesma vocação, homens que enriqueceram o seu ministério pastoral nas suas Igrejas locais por meio dos seus estudos, mas que, ao mesmo tempo, contribuíram para a preservação da sã doutrina com um alcance que ia além das suas Igrejas, como os Concílios ecumênicos que afirmaram e defenderam doutrinas cruciais ao cristianismo, como a Trindade ou a divindade de Jesus, os quais foram encabeçados por doutores da Igreja. A própria Reforma Protestante eclode sob a liderança de um homem muito bem preparado teologicamente, Martinho Lutero, e é sedimentada e avançada nos anos seguintes por homens bem preparados teologicamente, como Martin Bucer, João Calvino, John

Owen ou Jonathan Edwards. Todos eles, além de serem pastores de igrejas locais e terem deixado um legado inegável como tal, defenderam a verdade de forma pública, escreveram livros que até hoje são uma referência para a Igreja cristã protegendo a ortodoxia e alimentando a vitalidade da piedade saudável, e formaram incontáveis novos pastores e missionários bem preparados para o exercício fiel e piedoso do ministério.

Conhecemos uns quantos destes homens que têm batalhado pela vitalidade da teologia saudável que levanta Igrejas saudáveis, mas muitos outros ficaram praticamente anônimos, aos quais a academia hoje vai descobrindo alguns, enquanto outros só

serão conhecidos no lado de lá da eternidade. Mas, a verdade é que Deus tem levantado pastores e mestres com esta vocação para a erudição e formação de novos pastores ao longo dos séculos, de vários lugares e culturas, e assim continuará a fazer para preservação da Noiva de Jesus até que Ele venha buscá-la. A Igreja nasce da Palavra e é preservada por ela para a missão de proteger, proclamar e viver essa mesma Palavra. Assim, é inegável que a teologia é indispensável para a saúde da Igreja e o avanço da missão e da plantação de Igrejas saudáveis. Por isso, Deus tem dado e sempre dará doutores à Igreja até à vinda de Jesus.

Cristo, o tema da profecia do Antigo Testamento



Robert B. Strimple, professor de Teologia Sistemática no Westminster Theological Seminary.

No Antigo Testamento, existem passagens que falam sobre um tempo vindouro de paz mundial e justiça, uma época quando o templo será reconstruído; o sacerdócio, restabelecido, e os sacrifícios, novamente oferecidos (por exemplo, Salmos 72.7-11; Isaías 60.10-14; Ezequiel 37.24-28; 40-48). Os pré-milenistas insistem que essas passagens devem ser interpretadas “literalmente” (o que exatamente se requer em cada ponto é uma questão debatida entre eles), e que elas se referem às condições que ocorrerão no **Milênio**, o reino

milenar que Jesus estabelecerá na Terra em sua segunda vinda, com sua capital em Jerusalém, o templo reconstruído, o sacerdócio restabelecido,¹ os sacrifícios de animais novamente oferecidos, e o trono de Davi outra vez erigido. A cada sábado, Cristo, o Rei, adentrará o tempo pelo portão oriental, enquanto os sacerdotes oferecem em holocausto seis cordeiros sem mancha e um carneiro, como também ofertas de comunhão (Ezequiel 46). O povo, uma vez mais, será ensinado em distinguir entre o limpo e o imundo, e a circuncisão da carne – e a do coração – será outra vez exigida (Ezequiel 44.23, 9). Desse modo, a adoração no reino messiânico presenciara um retorno daqueles elementos que eram centrais sob a antiga aliança.

Mas seria correto interpretar essas profecias do AT como descrições do futuro reino milenar que Cristo estabelecerá na terra em sua segunda vinda? Para responder a essa indagação, a pergunta crucial que o cristão precisa fazer, naturalmente, é esta: *como o Novo Testamento nos ensina a interpretar tais passagens?* Pela inspiração do Espírito Santo, essa revelação pós-ressurreição, pós-pentecostal, que é absolutamente autorizada, um guia infalível em todos os assuntos de fé e de vida, inclusive essa matéria, de vital importância, de como interpretar a profecia do AT foi dada à Igreja de Cristo no NT.

À medida que lemos o NT, entendemos que os profetas do AT falaram das glórias do tempo messiânico – aquela era inaugurada por Cristo e na qual a Igreja agora vive –

¹ Várias tentativas foram feitas pelos pré-milenistas para harmonizar as diferentes imagens dadas pelos profetas com referência àqueles

dentre os quais o sacerdócio restaurado será escolhido, se os levitas (Jr 33:18), se os filhos de Zadoque apenas (Ez 40:46; 43:19;

44:15), ou se todas as nações (Is 66:20,21).

utilizando-se de termos conhecidos em sua própria era, os quais se referiam às bênçãos religiosas do povo de Deus da época da antiga aliança, a sua própria época. Os aspectos centrais dessas bênçãos são os conceitos do povo de Israel, da terra de Canaã, da cidade de Jerusalém, do templo, dos sacrifícios e do trono de Davi.

É uma característica necessária da comunicação efetiva que todos experimentamos e compreendemos, que quando desejamos escrever a um amigo algo que ele nunca experimentou ainda, fazemo-lo mediante recursos [isto é, utilizando-nos de termos e expressões] que ele já conhece. Para comunicar ao povo de Deus que vivia sob a antiga aliança, os profetas inspirados pelo Espírito falaram das bênçãos que Deus derramaria

sob a nova aliança em termos de imagens tipológicas familiares aos santos da antiga aliança.²

Para um judeu zeloso que não havia recebido a Cristo, ou seja, para quem o véu permanecia baixado onde quer que a antiga aliança fosse lida (2 Coríntios 3.14), tal princípio de interpretação profética, como é o esquema pré-milenarista, que diz que devemos interpretar “literalmente sempre que possível” a profecia do AT, é compreensível. Infelizmente, o judeu sionista, por exemplo, não possui outro princípio interpretativo significativo com o qual trabalhar. Mas nós, crentes que vivemos à plena luz da revelação do NT, a revelação do Cristo de Deus, não tiraremos vantagem disso, desta condição da qual desfrutamos? Não percebemos

que aquilo que está oculto no AT é revelado no NT (como Agostinho disse)? Que aquilo que está contido no AT é explicado no NT? Não foi o apóstolo Paulo, por inspiração do Espírito Santo, que nos disse algo importante quando falou sobre a leitura do AT tendo algo como um véu sobre a nossa compreensão, até que possamos entendê-lo à luz da revelação do cumprimento mediante Cristo Jesus?

Todo cristão evangélico está acostumado a ver os sacrifícios, as festas e as cerimônias do AT como tipos, isto é, ferramentas pedagógicas que apontam para a obra de Cristo. Por que, então, os elementos que consideraremos a partir deste artigo – a terra de Canaã, a cidade de Jerusalém, o templo, o trono de Davi, a própria nação de Israel – não poderiam

² Para discussões acerca deste princípio, ver os trabalhos clássicos de Patrick Fairbairn: *The interpretation of prophecy* (Londres: Banner of Truth Trust, reimp. 1964 [1856]); *The typology of Scripture* (Grand Rapids: Zondervan, 1975); *An exposition of Ezekiel* (Wilmington, Del.: National Foundation for Christian Education, 1969). Um pequeno e interessante volume intitulado *The prophetic prospects of the Jews or Fairbairn versus Fairbairn* (Grand Rapids: Eerdmans, 1930), que consiste em duas conferências feitas por Patrick Fairbairn, com uma diferença de 25 anos entre elas. Na parte 1 (1839), Fairbairn defende um literalismo rígido na interpretação da profecia do AT (esse é o literalismo do pós-milenarismo, em vez do pré-milenarismo). Com relação a Oséias 1, por exemplo, Fairbairn insiste que

“não há aqui lugar para equívocos com relação a quem são os próprios sujeitos da profecia, porque são chamados pelos nomes de ‘filhos de Judá e filhos de Israel’, os dois ramos distintivos da nação judaica” (p. 21). Em uma nota de rodapé, ele chama as referências em 1Pe 2:10 e Rm 9:24-26 aos gentios convertidos, como cumprimento da profecia de Oséias, “uma extensão de seu significado, além da literal e primária significação”. Na parte 2 (1864), porém, Fairbairn reconhece quão arbitrária e insubmissa à instrução do Novo Testamento tal declaração é. Ele agora insiste que a profecia simplesmente deve ser lida “como uma história escrita anteriormente” (e assim de acordo com o estrito literalismo), “o princípio hebreu [como oposto ao cristão] de interpretação profética” (p. 91-2).

Surpreendentemente, *The new Scofield reference Bible* (New York: Oxford University Press, 1967) sugere que a profecia de Ezequiel de sacrifícios oferecidos novamente no Novo Templo “não será considerada literalmente [...] mas certamente será considerada como uma apresentação da adoração dos remidos em Israel [...] usando as condições com que os judeus estavam familiarizados nos dias de Ezequiel” (p. 888). Fairbairn não poderia ter dito isto melhor! Anthony A. Hoekema faz a pergunta óbvia: “Se os sacrifícios não devem ser tomados literalmente, por que deveríamos considerar o templo literalmente? [...] uma pedra fundamental crucial para todo o sistema dispensacionalista foi aqui posta de lado!” - em *A Bíblia e o futuro* (São Paulo, Casa Editora Presbiteriana, 1989, p. 273).

ser compreendidos à luz da mesma percepção interpretativa utilizada para os sacrifícios e as cerimônias?

Todavia, não se trata de isso parecer lógico, ou não, para nós. O fato é que o NT nos ensina que é assim precisamente como *deveríamos* compreender tais elementos nas profecias do AT. E com respeito a qualquer tipo – quer seja ele um sacrifício, uma festa, o templo, ou a terra –, quando a realidade é apresentada, a sombra desaparece. E não desaparece para ser restaurada no futuro, mas porque foi cumprida em Jesus Cristo! Não falamos

sobre isso como uma interpretação “espiritualizada” dos sacrifícios ou dos rituais do AT, usando esse termo em sentido negativo como se negássemos sua realidade de alguma forma. Vemo-lo como um cumprimento daquilo que os sacrifícios e as cerimônias expressavam. Por que deveriam ser considerados de algum modo diferentes, com relação a esses cinco elementos que vimos há pouco? Vemos no NT o verdadeiro significado de todos os tipos do AT, e a figura central na profecia bíblica é o Senhor Jesus Cristo. Cristo, e não o povo hebreu, é o tema dos profetas do AT.³

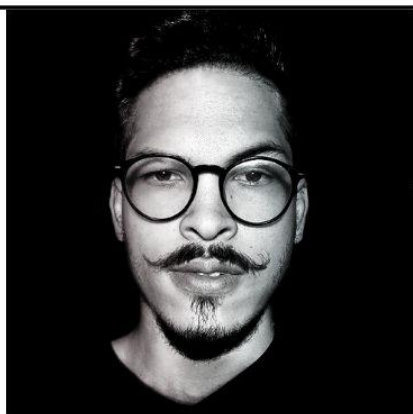
NOTA

Este artigo é de autoria de **Robert B. Strimple**, professor de Teologia Sistemática no Westminster Theological Seminary. Postado originalmente no site [amilenismo.com](http://www.amilenismo.com). Adaptado para Revista Fé Cristã por Marcos Motta. Acesso em terça-feira, 28 de setembro de 2021, às 12h:31min.

<http://www.amilenismo.com/2009/02/amilenismo-parte-2-cristo-o-tema-da.html>

³ George L. Murray, *Millenial Studies* (Grand Rapids: Baker, 1948), p. 57.

O Primeiro Governo Humano e Seu Objetivo



Wallas Pinheiro cursa licenciatura em Filosofia. É designer e tradutor da Editora Caridade Puritana. Membro da 2ª Igreja Presbiteriana de Linhares - ES, é casado com Samira Pinheiro.

Como compreender a política? Como julgar os acontecimentos de acordo com um bom padrão? Para responder a essas perguntas, é necessário ter um entendimento da razão da existência do Estado e qual exatamente é sua finalidade. Assim, poderemos dizer se o que ele tem feito é o correto ou não. De outro modo, se pudermos rastrear a origem do Estado, isso não só esclarecerá seu funcionamento e história, mas até mesmo seus propósitos e ajudará a estabelecer parâmetros de como é seu funcionamento correto. Por isso, neste texto, veremos o que o texto bíblico nos oferece sobre a origem do Estado, evitando os debates históricos do “meio secular” sobre o assunto. Para tanto, é necessário acompanhar os

textos bíblicos para uma compreensão mais completa do que está explicado abaixo.

Um mundo sem governantes

Numa leitura de Gênesis, até seu capítulo 9, não temos a menção de nenhum governante, rei, ou autoridade humana. Isso parece apontar para o fato de que, até um certo momento após o Dilúvio, o que existia era um mundo totalmente anárquico, sem diretrizes governamentais. É claro que a não menção não necessariamente implica não existência de governo, mas, em seguida ficará claro porque que somente depois de Gênesis 9 o Estado foi criado.

Observe que em Gênesis 4 temos o primeiro homicídio registrado: Caim matou Abel. Não há, no texto, nenhum julgamento estatal do caso – somente Deus que lida diretamente com Caim. Ainda, no mesmo capítulo, vemos que a descendência de Caim foi ativa. Um dos seus

descendentes foi Lameque, que iniciou a poligamia (v. 19) e dele descendeu, também, Tubalcaim, que foi o primeiro a fabricar instrumentos de ferro e bronze. Portanto, as primeiras facas ou espadas metálicas foram criadas por volta desta época – dando ao homem maior poder coercitivo. Ainda assim, nenhum governante havia.

No versículo 23 de Gênesis 4, temos o registro do segundo (e, talvez, terceiro) homicídio cometido por Lameque. Como podemos notar, não há ato punitivo nem julgamento ou qualquer coisa semelhante – este Lameque não recebe qualquer retribuição pelos seus atos. Noé nasce por volta dessa época, de acordo Gênesis 5.28-30, mas de outro Lameque, filho de Matusalém (não de Metusael). O capítulo 5 é quase simultâneo ao capítulo 4, no sentido de que ele apenas mostra quem gerou a quem no capítulo anterior (o que fica evidente pelo fato de a genealogia retomar Adão e

relatar o nascimento de Enos novamente, e daí em diante dar continuidade à história).

Vemos, assim, que tanto Caim quanto Lameque poderiam ser homens temidos, ainda mais após a invenção da metalurgia, da descendência de Lameque, que naturalmente forneceria à sua família mais poder, haja vista que eram hábeis em fazer instrumentos cortantes e mortais. Caim também faz referência a uma possível tendência violenta em sua época, quando diz que “*todo o que o achar, o matará*” (Gênesis 4:14), bem como Lameque, que parece evocar um castigo maior do que o de Caim sobre ele (Gênesis 4.24), parecendo implicar que quem soubesse que ele foi o assassino, iria procurar puni-lo (à semelhança de Caim).

Já no capítulo 6, versículo 3, vemos que Deus decide limitar a idade humana em até 120 anos. O primeiro julgamento geral de Deus depois da Queda de Adão é este. No mesmo capítulo, ainda temos a menção dos homens valentes, heróis do passado (v. 4), mas não é dito que algum deles governou. O termo “*herói*”, “*poderoso*” ou “*valente*” (גִּבּוֹר – *gibbor*), aqui, pode implicar a força de um guerreiro e de quem batalha.⁴ O texto parece apontar para a direção de

homens que batalhavam individualmente e foram reconhecidos por sua força, mas não nos diz nada sobre eles terem estabelecido governos. O versículo em si pressupõe algo negativo, já que o capítulo 6, em geral, aponta para uma série de acontecimentos que dão motivo para Deus julgar/condenar o mundo.

John Gill, em seu comentário, nos diz que estes homens eram fortes pela “*altura e força, pelo poder e domínio, por tirania e opressão*”.⁵ Como podemos ver, o versículo 5 aponta nesta direção, já que ele diz que a iniquidade ou maldade haviam se multiplicado de maneira permanente.

Até aqui, temos uma descrição mais geral da maldade humana, e isso continua até chegarmos ao versículo 11, no qual temos a demonstração de que a terra estava destruída (pela guerra, conforme Gordon Wenham⁶) e cheia de *violência*. O assunto da violência tem imperado até o capítulo 6 e é um dos motivos principais para Deus enviar o Dilúvio (v. 13).

O que notamos, até o momento, é que a violência é o *principal problema*, e isso é reforçado pelo fato de que, no versículo 13, Deus claramente a relaciona ao Dilúvio. É como

se Deus tivesse decidido aplicar a pena de morte por si mesmo, sem a intervenção humana. Por isso a clareza no fato de a violência ou de os assassinatos serem castigados pelo juízo de Deus com o Dilúvio.

Os capítulos 7 e 8 são basicamente a história do Dilúvio, com a conclusão registrando a promessa, por parte de Deus, de que Ele não mais destruiria a terra como acabara de fazer. O motivo é bem estabelecido: o coração do homem é mau desde a infância (Gênesis 8:21). Portanto, de nada adianta destruir o mundo, e salvar um homem, já que a maldade permanece no mundo porque o homem permanece no mundo.

Assim, vemos o aumento progressivo da violência, até que Deus aplica a pena de morte por Sua própria conta. A seguir, no entanto, Ele deixa claro que o problema não havia sido resolvido, já que a maldade está no coração humano, e não no mundo como tal ou nas circunstâncias nas quais o homem se encontra. É interessante isso, pois Deus deixa claro que não importa o que se faça, não há solução definitiva para a violência humana, enquanto este existir no estado atual, isto é, na corrupção da carne, do

⁴ **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento.** 1 ed. São Paulo, SP: Vida Nova, 1998.

⁵ GILL, John. *Exposition of the Old and New Testaments, Genesis 6.* Sacred-

Texts. Disponível em <https://www.sacred-texts.com/bib/cmt/gill/gen006.htm>. Acesso em: 08 de set. de 2021.

⁶ WENHAM, Gordon J. *Genesis 1-15, Volume 1 (Word Biblical Commentary).* 1 ed. Grand Rapids, Michigan: Zondervan, Versão Kindle 2017.

coração. Assim, parece claro que Deus quer solucionar o problema de forma, ao menos, contextual, impedindo que a maldade seja tanta quanto o era antes.

É importante notar como, neste contexto, a violência era algo mais grave do que em qualquer época posterior. Dado o nível populacional e o progresso tecnológico (com a metalurgia), facilmente a humanidade correria risco até mesmo de o aumento populacional ser drasticamente reduzido. Não é como se hoje matar um ser humano fosse menos grave, mas que, num contexto onde já havia dificuldades naturais (Gênesis 5:29) e com baixo nível populacional, a violência tornava o avanço histórico humano até mesmo improvável. Apenas para exemplificar, caso Caim e Abel tenham sido os únicos homens além de Adão na época deles, significa que Caim matou um terço da população masculina da terra ao cometer assassinato. A gravidade do assassinato, neste contexto, aumenta.

Gênesis 9 e o objetivo inicial do governo

Notamos, até o momento, que o texto bíblico, mesmo no Antigo Testamento, é fortemente contra a violência, tratando-a como a causa do Dilúvio e da pena de morte. Porém, ainda não encontramos nenhuma

referência a governantes, e também não está claro o motivo de o texto bíblico tratar a violência de forma tão enfática como fez até então. Todavia, como apontado no princípio, veremos o primeiro governante em Gênesis 10, mas, antes, precisamos saber se o estabelecimento do governo era ou não aprovado por Deus.

Em Gênesis 9:5-6 vemos que Deus se preocupa com aquilo que causou o Dilúvio. Aquele que derramar o sangue terá que prestar contas, em especial, porque o homem foi feito à Imagem de Deus. Por isso, todo homem que derrama o sangue de outro, terá seu sangue derramado por outro homem (v. 6).

Previamente, precisamos ver o que Deus *não* está dizendo no texto. Se lembrarmos bem, o motivo do Dilúvio é a violência, de forma que não faz sentido Deus estabelecer a violência como solução à longo prazo para o problema que Ele acabou de solucionar temporariamente. Dito de outro modo, não há razão para crer que para solucionar a violência, Deus tenha estabelecido mais violência (um homem derramando o sangue de outro, de modo indefinido, já que isso apenas resultaria em outro homem que precisaria ter seu sangue derramado).

Positivamente, porém, notamos que Deus diz que

“*requererá o sangue*” (Gênesis 9:5). Em Gênesis 42:22, temos uma construção semelhante. Rúben diz que o sangue de José está sendo requerido de suas mãos, pois agora está correndo o risco de ser julgado por uma autoridade (que até aquele momento ele cria ser um egípcio) e, portanto, aquele seria o momento de seu julgamento (aqui, há uma clara crença de que este julgamento estava sendo providencial).

Em Atos 3:22-23, quando Pedro explica o texto de Deuteronômio 18:19 (também construído ao mesmo estilo de Gênesis 9:5), ele demonstra que quando o texto diz “*disso lhe pedirei contas*” ou “*prestará contas*” significa “ser exterminado do meio do povo” – assim sendo, quando Deus pede contas, Ele está dizendo que há uma pena por ser aplicada, sendo isso algo evidente no texto de Atos, quando neste se explica o texto de Deuteronômio.

Desse modo, temos um sentido negativo, isto é, aquilo que o texto *não significa* e, agora, aquilo que aponta para o significado do texto: *a pena de morte*. Por que isso? Pois, se Deus não está estabelecendo um ciclo de assassinatos, Ele só pode estar estabelecendo um fim para o ciclo, qual seja, a pena de morte devidamente aplicada.

Voltando para uma avaliação mais ampla do texto, note que,

antes do Dilúvio, Deus executava, Ele mesmo, os julgamentos sobre os homens. Agora, porém, Ele concede ao homem este dever, de modo regular. Daí, o texto ser bem claro ao dizer que “*pelo homem seu sangue será derramado*” (Gênesis 9:6), ou seja, não por Deus mais, mas pelo ser humano.⁷

O texto de Gênesis 9 ainda poderia ser utilizado como um apelo a Deus, já que, como pode ser visto em 2 Crônicas 24:22, ao Joás matar a Zacarias, este lhe diz que “*o Senhor requererá [o sangue] dele*”. de maneira que Joás morreu pelas mãos de seus servos (2 Crônicas 24:25,26), mas estes servos sofreram devidamente a pena de morte por outra autoridade (2 Crônicas 25:3-5). Consequentemente, isto impediu a continuidade de um “ciclo de morte interminável”, cumprindo, assim, o propósito de Deus para com a pena de morte – o de finalizar ciclos intermináveis de assassinatos.

Além disso, o texto (Gênesis 9) demonstra um claro contraste entre a morte e a vida, pois o versículo 7 aponta uma segunda solução para a morte da raça humana: que nos multipliquemos. Portanto, a pena de morte não é a única solução, já que sem continuidade da linhagem, não

há como a raça humana sobreviver.

Assim sendo, qual é o propósito do governo segundo Deus? O de punir a maldade humana. Conquanto possa haver uma ampliação disso em textos posteriores, até o momento é evidente que este é o dever principal e primordial da autoridade civil. Mas, até aqui o que vimos foi a ordem, a norma, sem que tenhamos visto ela ser posta em prática.

Curioso notar, como pequeno adendo, que Aristóteles reconhece que o homem que vive “*sem fazer parte de uma cidade*” é um homem “*ávido por combates [...] incapaz de se submeter a qualquer obediência*”,⁸ demonstrando que, mesmo entre alguns filósofos gregos, se compreendia que a existência da cidade (Estado) se dava como um fim de preservar os homens dos embates desnecessários. À frente, notaremos como se deu o desenvolvimento histórico do primeiro Estado – segundo as Escrituras.

O primeiro governo humano

Agora, caminhamos em direção a um exemplo mais prático do primeiro governo. Em Gênesis 10, vemos uma primeira menção ao conceito de *nação* (v. 5), bem como

encontramos a separação das línguas (algo que só é explicado no capítulo 11 e, portanto, não é necessariamente cronológico em relação ao capítulo 10). O conceito de nação só aparece a partir daqui, pois claramente está atrelado ao conceito de governança. *Nação* é um conceito diferente do conceito de *cidades*, que já havia anteriormente, pois implica uma relação mais complexa. A cidade poderia ser fundada por um indivíduo sem ser governada por ele, ou, de outro modo, sem um sistema *político*, podendo permanecer apenas submissa a um interesse mais pessoal dos “*homens valentes*”.

No versículo 8, vemos um homem (Ninrode) ser chamado de o “*primeiro poderoso*” na terra. Como já vimos em Gênesis 6, haviam homens poderosos (גִּבּוֹרִים) antes, mas aqui Ninrode é chamado de *primeiro* poderoso. Há claramente uma diferenciação. Ele não é poderoso no sentido de Gênesis 6, pois, como notamos, ele é quem funda o *primeiro* reino (v. 10). Seu reino é Babel, Ereque, Acade e Calné, em Sinear; não é muito claro se Sinear seria o equivalente à Suméria, porém, é evidente pelo texto bíblico que Ninrode é o primeiro rei, constituindo seu reino de algumas cidades (e não de uma única) tendo sido também

⁷ É interessante notar um paralelismo no versículo 6: derramar-sangue-homem | homem-sangue-derramado. Isso indica um modo

poético, além de, possivelmente, explicar o porquê o texto não ser tão detalhado quanto esperávamos sobre o estabelecimento do governo civil.

⁸ ARISTÓTELES, *A Política*. 1. Ed. São Paulo, SP: Editora Escala, s.d.

fundador de algumas cidades na Assíria (v. 11). Se ele foi o *primeiro* poderoso em um sentido diferente, é evidente que Gênesis 10 está colocando diante de nós um conceito diferente de poder do que foi apresentado até o momento.

Observe, também, que o capítulo 10 retoma o assunto da divisão das terras (v. 5 e v. 25 – com Pelegue nascendo na época em que a terra se dividiu), mostrando que, naquele momento, a divisão dela era essencial para a formulação do Estado, já que cada um deveria ser responsável por uma área específica, de forma que não poderia haver um Estado único e absoluto. A prova final disso se dá em Gênesis 11, com a torre de Babel. A evidência que aponta para a intenção de construir um tipo de Estado unificado é que o objetivo deles é “*fazer um nome*” (Gênesis 11:4), o que parece apontar para o fato de que estão raciocinando conforme os homens de “*renome*” (ou “*fama*”, em algumas traduções) de Gênesis 6:4. A isso Deus não quis permitir e, assim, confundiu as línguas para que se separassem.

Em Gênesis 11:16, Pelegue é mencionado novamente, de forma que o texto dos capítulos 10 e 11 nos mostra que ele nasceu em algum momento quando a construção

da Torre de Babel deu errado, ajudando a nos situar cronologicamente novamente no texto, para sabermos que Babel se deu em algum momento entre a segunda e quinta geração após o Dilúvio.

Assim sendo, quando Ninrode fundou o primeiro reino, ele o fez em algum momento após a falha da construção da Torre. Por que isso é importante? Porque Ninrode é bisneto de Noé e neto de Cam (ou Cão em algumas traduções). De forma que a obediência à formação do Estado ainda demorou, pelo menos, entre duas e cinco gerações para ser executada, sendo a primeira tentativa uma tentativa fracassada, já que Deus não aprovou a construção de um único governo mundial.

Por isso, nota-se que Ninrode deve ter estabelecido seu reino aproveitando-se do fato da confusão das línguas. Porém, não é claro se seu governo foi estabelecido por consentimento ou não do povo.⁹ O que está claro é que (a) Ninrode foi poderoso em um sentido diferente dos anteriores guerreiros [Gênesis 10:8; 6:4]; (b) ele é o primeiro a ter um reino atribuído [Gênesis 10:10]; (c) seu reino surge em algum momento após a confusão das línguas, entre a segunda e quinta geração, demonstrando demora na obediência da ordem de Deus

[Gênesis 10:5,25; 11:9,16]; (d) a Torre de Babel parece ser uma tentativa de retornar a algo parecido com o que havia em Gênesis 6 [Gênesis 11:4; 6:4] e (e) surgindo, portanto, a necessidade de se evitar uma segunda catástrofe, surge o Estado no seu sentido prático.

O texto bíblico não só dá a norma por meio de Noé, mas mostra o momento em que tal coisa tornou-se necessária de forma prática, pela lentidão dos homens de tornarem a ordem de Deus prática.

O objetivo da existência do Estado

Notamos que há uma coerência entre a ordem de Deus e os acontecimentos subsequentes ao Dilúvio, além de que o mesmo Dilúvio tende a esclarecer como Deus exercia o poder de Estado, se valendo da espada de anjos (Gênesis 3:24 – Romanos 13:4), punições temporais (isto é, o Dilúvio), além de pronunciar as condenações anteriormente à suas aplicações, como notamos em Gênesis 6:7. Assim, a autoridade tem o papel de representar Deus como juiz e vingador (Romanos 12:19; 13:4), pois, após Gênesis 10, percebemos uma clara diminuição do papel julgador e condenatório de Deus em escala universal.

⁹ GILL, John. *Exposition of the Old and New Testaments, Genesis 10*. Sacred-

Texts. Disponível em <https://www.sacred->

[texts.com/bib/cmt/gill/gen010.htm](https://www.sacred-texts.com/bib/cmt/gill/gen010.htm). Acesso em: 08 de set. de 2021.

Notamos também que Ninrode foi o primeiro governante no sentido que Deus estabelece em Gênesis 9, e que, embora seu governo possa não ter sido justo, servia como dissuasor da maldade e violência do homem. Sabemos que o atraso em Babel para aplicar o princípio de Gênesis 9:6 teve sua punição devida, por meio da confusão das línguas e afastamento mais acelerado dos povos.

Porém, ainda há uma pergunta. Qual é o objetivo da existência do Estado, afinal? Até agora, tudo tem nos dirigido para o sentido de que o objetivo principal dele é punir a maldade, o que, em certo sentido, é de fato seu propósito, mas ignoramos que há dois detalhes no texto que devem ser base e propósito para o funcionamento do Estado: o reconhecimento de que o homem é feito à Imagem de Deus (Gênesis 9:6). E quais são esses detalhes? O primeiro é a existência de Deus e o segundo é de que o homem é feito à sua imagem.

Conforme Rushdoony esclarece,

“o assassinato é uma ofensa contra Deus [...] uma época que não crê em Deus não crerá que o homem é feito à sua imagem [...] Lenin, Stalin, Hitler, Mao

Tse-tung, e outros não acreditavam no criacionismo. O homem era, para eles, um animal dispensável.”¹⁰

Por isso o Estado só pode ser justo se levar em conta duas relações: (a) a existência de Deus e (b) que o homem é feito à sua Imagem.

Deste modo, um Governo que reconhece a existência de Deus, conforme revelada nas Escrituras, se guiará pelos princípios expressos por Ele em Sua Palavra, ao mesmo tempo em que não menosprezará o homem que é seu dever proteger. O Estado que não faz essa relação, não é capaz de tratar os homens com justiça, pois, em primeiro lugar, lhe faltará um parâmetro de julgamento e, em segundo lugar, não considerará o homem devidamente, por não relacioná-lo a Deus.

É evidente que o texto bíblico não está falando de um governo dirigido por sacerdotes, este não é o ponto. Ele está falando de um governo que reconhece Deus, Sua Ordem (ou Lei) e o próximo.

Caso o texto bíblico apenas dissesse que o homem deve ter seu sangue derramado por outro, não estaria claro por

qual padrão e nem o motivo pelo qual a vida do homem deveria ser levada tão à sério. Por isso, *o objetivo do Estado é estabelecer a justiça de Deus*, como seu ministro (Romanos 13:4). Sem essa cláusula, o homem poderia ser tratado como os animais mencionados anteriormente no mesmo capítulo (Gênesis 9:2,3). Poderia ser usado pelo Governo como o são os animais pelos homens.

Como um exemplo prático e final, Aleksandr Solzhenitsyn, que estudou por mais de 50 anos a Revolução Russa, tendo publicado vários livros no assunto, chegou à conclusão clara de que *“os homens se esqueceram de Deus; por isso todas essas coisas aconteceram”*.¹¹ Essa conclusão dele não foi como se a Revolução Russa, em si, fosse um julgamento de Deus, mas que, tendo os homens abandonado o reconhecimento da “dimensão divina”, tornaram-se capazes em sua consciência de usarem coisas como gases venenosos. Só os homens (líderes políticos em especial) que se esquecem de Deus é que têm capacidade de matar outros homens sem motivo. Por isso, só quando o Governo firmemente se estabelece sobre a crença em Deus, de fato, é que tem capacidade de tratar humanos

¹⁰ RUSHDOONY, Rousas John. *Commentaries on the Pentateuch, Genesis*. Vallecito, California: Ross House Books, 2002.

¹¹ SOLZHENITSYN, Aleksandr. ‘Men Have Forgotten God’: Aleksandr Solzhenitsyn’s 1983 Templeton Address. *National Review*, 11 de dez. 2018. Disponível em

<https://www.nationalreview.com/2018/12/aleksandr-solzhenitsyn-men-have-forgotten-god-speech>. Acesso em: 09 de set. de 2021.

como o que são – pessoas à
imagem de Deus.

Pandemia e Crise Espiritual



Natanael Pedro Castoldi é psicólogo clínico graduado pela Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Possui formação teológica básica pelo Projeto ATOS, Janz Team Gramado, onde compõe a assembleia da missão do TeachBeyond Brasil. Tem experiência em pesquisa nas áreas de Ensino e Aprendizagem pela UNIVATES, na qual tem atuado como monitor de alunos com necessidades especiais. Serve no ministério de jovens da igreja Comunidade Cristã de Encantado, em Encantado - RS. Casado com Gabrielle.

É de conhecimento geral que uma doença viral não é apenas física: quando o corpo humano declina, a luta para manter a saúde mental se intensifica. Somos, como já disse Viktor Frankl (2019), uma *Unitas Multiplex*, uma multiplicidade una: corpo, psique e espírito. As duas “camadas” primeiras são autorreferentes, ou seja: o corpo priorizará a própria sobrevivência e a satisfação de seus apetites, mesmo que isso custe a saúde mental e, de semelhante modo, certo bem-estar psicológico se querará, ainda quando o corpo físico é agredido no processo. Em nossos espectros somático e anímico, portanto, somos cindidos, polarizamos entre dois entes que antagonizam entre si. Mas não sucumbimos, pois, não sendo animais, somos espírito. O espírito é

compreensivo e autotranscendente: é aquela faculdade que consegue conjugar corpo e mente, rompendo o conflito em função de um propósito maior e mais significativo, exterior e superior ao indivíduo mesmo. É por sermos espirituais que podemos optar por não satisfazer nossas necessidades físicas e certos prazeres psicológicos em favor do sacrifício por outrem ou no empreendimento de tarefas construtivas, realizadoras. A totalidade do homem, a unidade dessas camadas, é o que podemos tomar por *Self* e aquilo que Dooyeweerd (KALSBECK, 2019) chamará de *Coração*, que é a inteireza do homem, unívoco em toda a sua multiplicidade estrutural e aberto “no teto”, para a Transcendência, donde

encontrará significado para si e integração para o *Self*. Toda a doença que acomete o corpo, portanto, abala o anímico e, também, o espírito. Sempre nos abalamos enquanto pessoas completas.

Michael Eigen (2016), psicólogo americano, acrescenta que somos constituídos de outras duas qualidades: temos em nós uma pulsão individualizante, que possibilita que falemos a nosso próprio respeito nos termos de um “eu”, mas também temos uma pulsão coletivizante, donde nossa sociabilidade visceral é inescapável. Jonathan Haidt (2020), outro psicólogo americano, descreverá isso nos termos de um “macaco abelha”: somos indivíduos, mas também somos colmeia. Foi observado

que essa pulsão de “colmeia” é ativada em momentos de elevada tensão coletiva, como entre os soldados em um campo de batalha: a consciência de si é amortecida em favor de uma conexão intensa com os colegas de farda, de maneira que o pelotão passa a se comportar como um organismo e o sacrifício pessoal é natural. Isso significa que a doença é, também, um fenômeno social, de psique coletiva, principalmente quando a mesma doença atinge todos — esse é o significado exato de pandemia (*pan*-todo; *demos*-povo). Eventos de grande escala são contagiantes e o contágio psicológico é mais rápido do que o próprio contágio viral, já que as notícias e as narrativas nos chegaram muito antes do vírus mesmo. Não há, portanto, doença que não afete o indivíduo inteiro, tal como não há doença generalizada que não abale a própria estrutura espiritual da sociedade.

A Peste é uma imagem e uma realidade que assolou o Ocidente inúmeras vezes nos últimos dois milênios. Tanto é que assumiu nome maiúsculo, quase como uma entidade, desde a Peste Negra (séc. XIV), que devastou entre trinta e sessenta por cento da população europeia de então. Na ocasião, carecendo de explicações empíricas, os cristãos europeus só conseguiram entender o alastramento da moléstia em

termos espirituais: juízo divino e/ou ação do Império de Satã através de não-cristãos e, sobretudo, de bruxas. Esse entendimento já estava antecipado no Apocalipse de João, quando o Cavalo Amarelo traz consigo peste e morte. A velocidade de alastramento da Peste não podia ser descrita em termos diversos desses: ela vem à galope, engolindo as terras sem descanso, varrendo o mundo sem trégua, como que contra o próprio Tempo. Desde a Peste Negra, outros surtos epidêmicos europeus foram acontecendo ao longo dos séculos e todos acabaram entendidos como retornos da Peste, desse demônio vil que, depois de ter chegado uma primeira vez, jamais abandonou o Velho Mundo. Delumeau (2009), ao descrever a Peste na Europa dentro de sua história do medo no Ocidente, apontou para o terror coletivo que era instaurado assim que a sombra do Mal começava a se reerguer: quando uma cidade infectada era posta em quarentena, os que podiam escapar de seus muros em tempo, o faziam, mas muitos eram recebidos à tiros nas aldeias interioranas, que temiam que os fugidos da Peste estivessem contaminados; os que ficavam aprisionados nas cidades iam se brutalizando, mantendo distâncias entre si e morrendo em suas casas; muitos mortos eram deixados em seus leitos e as casas eram isoladas, outros eram empilhados nas ruas, até

serem recolhidos por carroças e levados à valas, onde eram enterrados. A descrição desses horrores mostra como a Peste, em sua ameaça mortal e estimulada pela agitação coletiva, vergava o espírito dos homens: matava primeiro a hospitalidade, pois os cidadãos fugidos eram mortos por camponeses, depois deixava os mortos com um mínimo cuidado cristão, abandonados e empilhados. Há relatos de pessoas contaminadas que enterraram a si mesmas. O impacto psicológico, espiritual e cultural da Peste foi tão grande no continente europeu, que em muitas cidades viram erguidos os Pilares da Peste: estruturas esculturais que continham os bubões, que a Peste causava na pele dos homens, abaixo de uma figura sacra, como Maria, sinalizando o clamor pelo cuidado divino e maternal para os fiéis em tempos de cataclisma.

Vimos acima como a Peste, atingindo os corpos, acaba curvando os espíritos dos indivíduos e das comunidades. Mas o processo pode também ser inverso: em nosso tempo ocorreu de o homem já estar espiritualmente fragilizado antes de o Vírus crescer. Aqui as consequências podem ser ainda piores, pois o tipo de homem que enfrenta o Vírus hoje é diferente daquele que, no passado, enfrentou a Peste: enquanto este realizou procissões litúrgicas dentro de cidades em quarentena,

visando consagrá-las para o Senhor e clamar pela piedade divina, aquele tem achado natural que os serviços religiosos sejam as primeiras coisas dispensáveis; enquanto este fazia todo o esforço para, apesar de todas as dificuldades, honrar aos seus mortos enterrando-os sob a terra, aquele tem achando normal que seus doentes sejam isolados de todo o contato humano e familiar e que, sedados, morram sem dignidades cristãs. Aqui reside o questionamento de Agamben (2020):

“Como podemos aceitar, apenas em nome de um risco que não era possível precisar, que as pessoas que nos são queridas e que seres humanos em geral não somente morressem sozinhos, mas que — coisa que jamais tinha acontecido na história, desde Antígona até hoje — seus cadáveres fossem queimados sem um funeral?” — p. 25

A maneira como o homem contemporâneo lidou com a Pandemia só é explicável por meio de uma leitura de sua deterioração espiritual em favor de uma crescente e generalizada estimulação dos apelos mais elementares de seu corpo e de suas emoções e desejos. Kierkegaard (FARAGO; ALVES, 2011), filósofo dinamarquês, classificou em três os estágios da existência: Estético (quando o homem é movido pelos apelos mais vulgares do baixo ventre, estando às voltas

com estímulos fisiológicos [é o consumista, viciado em entretenimento, em sexo e em álcool]), Ético (quando o homem se preocupa com sua posição no mundo, com sua relação com os outros e opta por um caminho moral, cumprindo seu dever com a sociedade) e Religioso (quando o homem, atingindo uma base transcendental para a pensar sua vida, lê seu comportamento não mais nos termos de obediência ou desobediência à lei dos homens, mas de obediência a Deus ou pecado — aqui ele já é capaz de desobedecer aos homens quando a vontade humana é contrária à do Senhor). Esses três estágios se parecem bem com o que dizem Brito e Swait (2014) a respeito dos apetites da Carne, dos apetites da Alma e dos apetites do Espírito. Tudo parece indicar que o ocidental pandêmico vem de décadas sendo anestesiado em seus apetites espirituais e hiperestimulado em seus apetites carnis, acabando por aprisionar-se no estágio Estético. Como esse processo aconteceu? Serei maximamente sucinto.

A mentalidade ocidental mudou dramaticamente a partir da implementação do espírito racionalista, primeiro na filosofia, depois na ciência e na política e, enfim, na cultura. Oakeshott (2016) qualificou o racionalismo como uma ruptura com tudo o que é tradicional, com tudo aquilo

que não foi testado por um método lógico. Além disso, o racionalismo, pois metodológico, se interessa obsessivamente por resolver problemas — precisa, portanto, de um meio de encontrar (ou criar) problemas, de um método para saná-los e de um ideal que se pretenda atingir. Do racionalismo nasceram as ideologias que conhecemos, produtos de um esquema ideal abstrato a ser concretizado pela práxis política. Em geral, essas ideologias pensam em mundos sem dor e sofrimento e com máximos prazeres. Becker (1995) encontrará essa transformação no Iluminismo: rompida a sociedade tradicional, que contava com matrizes transcendentais de sentido, um Outro Mundo espiritual, donde se legitimava a totalidade da vida secular, entrou-se na “era da razão”, na qual o indivíduo se viu desprovido dessas narrativas coletivas significativas — o mundo sem transcendência se torna um emaranhado de fenômenos caóticos, vazios e aterrorizantes, ou seja, um oceano de problemas. O espírito racionalista é, portanto, horizontalizante: quer impor uma ordem abstrata e lógica num cenário de caos e miséria, remanejando o mundo material de uma maneira ótima e a partir da equação perfeita. Isso impregnou os indivíduos, já deslocados do coletivo e de seus mitos aglutinadores e isolados em si mesmos. Assumindo a

mentalidade racionalista, o homem ocidental, moderno, não tem mais transcendência, embora esteja embebido de uma visão do mundo e de si como um problema a ser resolvido. Ele querera uma vida ótima, a concretização de um cálculo perfeito no qual os prazeres são maximizados e os sacrifícios e as dores são minimizados. Daí seu enveredamento na doença consumista e no caminho hedonista — pois hedonismo nada mais é do que a busca pelo prazer máximo através da fórmula perfeita (HADJADJ, 2017).

Anda ao lado desse *ethos* hedonístico, que superficializa o homem e aumenta sua preferência temporal, preso à urgência cada vez maior por prazeres imediatos (HOPPE, 2014), há a sementeira perene do terror crônico. Wim Malgo (1999), citando W. S. Schlamm, já alertou no tempo da Guerra Fria sobre o uso do medo como arma de controle social:

“A vontade política e humana dos nossos dias não é formada por convicções ou reconhecimentos, mas pelo medo. Medo, puro medo, medo realmente físico, determina o comportamento pessoal, tanto no ambiente privado, como no ambiente social. Medo do câncer, medo do átomo, medo de conflitos sociais. Medo de bactérias. Medo de Sequestros. Medo de comprimidos e medicamentos. Medo de ser

diferente. Medo de ficar velho. Medo dos impostos. Medo de discórdias. Medo de chuva, neve, seca e calor, de gases no ar e mercúrio em frutas, de poluição marítima, de ‘explosão demográfica’ e retrocesso do crescimento populacional. Medo de falhas no automóvel, ‘estado policial’, aparelhos de escuta e novas eleições. Medo — medo puro e ininterrupto.

Esse medo é estimulado, com método e de modo consequente, por todos os ‘meios’. Não se pode abrir um jornal ou ligar um televisor sem encontrar algo que provoca medo. [...] Estar ‘informado’, ter ‘bom senso’, ser ‘racional’, significa ter medo.” — p. 21–22

Segundo Malgo (1999), se o homem, reduzido espiritualmente, para de temer a Deus, acabará temendo qualquer outra coisa. Agamben (2020) considera a mesma coisa: o homem ocidental foi colocado por seus governos em um estado de exceção permanente ao longo de todas as últimas décadas, de maneira que este passou a tomar a exceção por normalidade e a viver sempre no limite das tensões fisiológicas e psicológicas, perenemente no limiar entre a hipervigilância receosa e o colapso, o pavor e o desespero, bastando um empurrãozinho. Conforme o filósofo italiano, os homens se acostumaram tanto a viver em condições de crise ininterrupta que já nem mais percebem que a sua existência

foi reduzida ao biológico, à chamada “vida nua”, perdendo toda a dimensão superior. Isso explica a velocidade com a qual, no menor sinal da chegada do Vírus, entregaram todas as suas liberdades, toda a sua dignidade, toda a sua humanidade, tudo apenas em nome da “segurança”, em nome da sobrevivência dos corpos. Eis a concretização mais literal da somatocracia descrita por Foucault (2021). Eis o que não é uma existência no estágio Religioso: nem mesmo os cristãos, em grande parte, conseguiram dizer não às leis dos homens em favor daquilo que se sabe constar na vontade do Criador. Ao homem pandêmico, outro filósofo italiano, Aldo Valli (2021), chamou de *homo timorosos*, o homem medroso.

Como bem percebeu Haidt (2020), contudo, o ser humano tem como que um “paladar moral”: Justiça, Cuidado, Lealdade, Autoridade e Santidade. Essas são inclinações morais que todos os homens têm e que precisam suprir, encontrando objetos legítimos para nutri-las. Se eu superenfático a Justiça e o Cuidado, tal como faz o progressista na ideia de “justiça social”, criarei um déficit no que diz respeito ao espectro “mais conservador”, ligado à santidade leal sob a autoridade e o temor de Deus e das autoridades instituídas. Uma inclinação moral não satisfeita ficará flutuando sem

objeto e será uma paixão moral disponível para ser capitalizada por alguma narrativa política e ideológica (POLANYI, 2003). O homem ocidental, carente de transcendência, de santidade, logo canalizou sua paixão moral flutuante para a Ciência enquanto Religião (a base ontológica) e para a Saúde enquanto Teologia (os dogmas da fé para a práxis). Valli (2021) definiu esse fenômeno pandêmico nos termos de um Despotismo Terapêutico. É despotismo, pois democracia, que é autoritarismo sob uma falsa roupagem de democracia. Nesse cenário, o “homem nu”, alarmado, corre ao Estado para lhe conferir toda a espécie de poderes supraconstitucionais, pondo o regime republicano em suspenso para fins “sanitários”. Em tal contexto, os políticos se fazem médicos e cientistas, enquanto os médicos e os cientistas se transformam em políticos. Em nome da Ciência e pela reta Saúde, os cidadãos, seguindo em Valli (2021), voluntariamente se fizeram súditos — por isso esse regime foi por ele entendido como um *despotismo compartilhado*. E é Terapêutico por ser todo embasado na sanitização da sociedade, na higienização e esterilização da população. Nesse cenário, o cidadão deve chegar à autoridade pública na persona de um paciente e, como tal, perde a autonomia de questionar os procedimentos médicos que o

Estado lhe está impondo. Toda a sociedade virou hospital.

Dr. Dahlke (1999) descreveu a ideia moderna de hospital como herdeira do culto greco-latino a Esculápio, divindade curadora: o hospital substituiu o templo, mas não perdeu a liturgia, nem os sacerdotes e nem os procedimentos cúlticos. Toda a atmosfera hospitalar, de silêncio, de espaço vazio, de sacerdotes e assistentes de semblante severo, serve para calar o paciente, fazendo-o se sentir pequeno e vulnerável para que se entregue aos cuidados sem rebelião e com toda a fé. O paciente, não importa o seu tipo de sofrimento, deve ficar sentado ou deitado e também deve esperar pelos tempos, que são todos regulados por outros, tal como sua alimentação. Quem viu as sombrias cidades vazias da Quarentena, impregnadas de um tipo de terror metafísico, não pôde deixar de pensá-las como imensos hospitais de corredores largos que davam para portas trancadas, dentro das quais as famílias, apavoradas, estavam grudadas nas televisões e ouvindo os especialistas. Aliás, a transformação de especialistas em oráculos públicos é uma das características de Oakeshott (2016) para o *modus* racionalista.

Valli (2021) de fato observou caracteres religiosos na narrativa pandêmica, que qualificou como dogmatista e

fideísta, visto demandar a submissão total do paciente — é mais importante confiar do que entender. A deposição de expectativas religiosas do civil aos pés do Estado ficou clara num detalhe que Valli percebeu: o slogan “*Tudo ficará bem*”, espalhado pela Itália nas janelas e varandas, vem da mística cristã Juliana de Norwich (1342–1416). A questão é que, tendo a Igreja e seu sacerdócio se alinhado ao Estado e ficado sob sua sombra, o Sagrado deslocou-se para o espectro do Médico-Cientista. Vale notar, como bem destacaram Boukovsky (1976) e os irmãos Medvedev (1972), o Médico e a Medicina, sobretudo a psiquiatria, sob o cetro do Estado soviético, foram fartamente utilizados enquanto instrumentos de poder e de alastramento das prerrogativas do governo totalitário, que sempre é somatocracia. Um sistema similar de silenciamento de opiniões adversas foi implementado na Itália pandêmica: a caça às bruxas, ou às “notícias falsas” e seus heréticos disseminadores, foi, e é, procedimento dignificado com todos os méritos.

Acrescento às leituras de Agamben e de Valli um terceiro elemento, conforme o que temos discutido em Haidt e Polanyi: com seu paladar moral atrofiado, o homem ocidental carrega uma carência enorme de satisfação cívica e espiritual — seu espírito está doente (estágio Religioso) e

sua posição no mundo social está indefinida (estágio Ético), de maneira que não se trata apenas da vida nua, do desespero crônico e neurótico, de medo intenso do Mundo, mas de uma sede de engajamento e de fundamento. Backer (1995) dirá que, do abandono das narrativas coletivas e tradicionais, pré-modernas, a respeito da vida, que impunha sobre o mundo visível um Outro Mundo, uma parcialização da realidade capaz de dar sentido e previsibilidade aos fenômenos, restou apenas a natureza bruta, sem razão e sem profundidade. O indivíduo, isolado de uma cosmovisão compartilhada, está sozinho diante do peso de uma realidade hostil, que não é capaz de entender, e acaba neurotizado, pois vai se fechando em si mesmo para se proteger daquilo que lhe apavora. Até as pequenas coisas do cotidiano são acometidas do terror de um mundo implacável, ameaçador, esmagador, com o qual não se pode contar: verifica-se se a porta foi trancada dez vezes, lava-se as mãos a cada dez minutos... Esses são sintomas pontuais de uma concepção de mundo fragmentada e, por conseguinte, de uma fragmentação da própria estrutura interna do sujeito.

Toda a neurose, ao fim e ao cabo, acaba adquirindo caracteres *noogênicos* (doenças do espírito [FRANKL, 2019]),

afinal, o fechamento em si inviabiliza a entrega a objetivos maiores e a objetos transcendentais que forneçam bases sólidas de sentido e de sustentação para os valores. Sem energia existencial para sair de si, o neurótico reter-se-á na repetição cíclica de pequenas ações, sempre ao redor dele mesmo. Nos termos de Becker (1995):

“[...] chamamos de neurótico qualquer estilo de vida que comece a restringir demais, que evita o livre impulso para a frente, as novas escolhas, e o crescimento que uma pessoa possa querer ou do qual possa precisar.” — p. 179

O neurótico, portanto, na ausência de uma visão completa e compreensiva da realidade (KOLAKOWSKI, 1981), se apegará compulsivamente a pequeníssimas coisas que estão ao seu alcance, e isso pode conduzi-lo à idolatria. Ele estará sedento por uma pessoa ou por um sistema de pensamento que, lhe aparecendo, sugira poderes superiores, além de sua compreensão, que sejam capazes de dominar o seu mundo, dando-lhe ordem e redenção. O objeto, a tábua de salvação, acabará se transformando no Todo da sua vida. É por isso que, assim que a Revolução Francesa explodiu, os manicômios parisienses logo ficaram vazios (BECKER, 1995): uma narrativa ideológica, a

absolutização de um elemento parcial da realidade, foi semeada e capturou as paixões morais flutuantes daqueles que estavam disponíveis. E mais: como o neurótico se entende incapaz de lidar com a complexidade do mundo e por isso nega a realidade, mentindo para si mesmo, cresce em seu coração um sentimento de culpa, de insuficiência e de frustração existencial, que pede por uma compensação heroica. Mas como ele não possui uma narrativa abrangente sobre a vida, que legitime as pequenas ações diárias, como a paternidade, o trabalho bem feito e a caridade, dependerá de ofertas revolucionárias de grande magnitude, buscará completude pela participação sacrificial em eventos grandiosos, como a Revolução Francesa. Está acometido, pois, pela nostalgia do absoluto (STEINER, 2003).

Se considerarmos o homem contemporâneo como generalizadamente neurotizado, facilmente compreenderemos a sua disposição “heroica” frente ao Estado pandêmico: apavorado com a realidade, existencialmente em falta, culpado e, portanto, se sentindo injustificado e impuro, estava pronto para se engajar em qualquer “grande história” através da qual pudesse dignificar a própria vida, satisfazer suas inclinações cívicas e espirituais e expiar seus pecados, mesmo

que ao preço do “martírio”. Rushdoony (2018) de fato colocou a Culpa na matriz da psique individual e também da civilização: o homem carrega uma consciência visceral de sua falta e pede por propiciação (juízo) e expiação (perdão). Como disse Backer (1995), é impossível ao sujeito satisfazer-se em sua própria imaginação, pois não pode escapar de perceber a ilegitimidade e a irrealidade de uma autoglorificação fantasiada — nenhuma “convicção é possível para o homem, a menos que venha de terceiros ou de fora dele mesmo” (p. 185). Isso significa que o processamento da culpa individual pede por um organismo ritual e narrativo de ordem coletiva, societal: o Estado é, ao fim e ao cabo, um mecanismo de administração da culpa, um maquinário justificador da sociedade e do indivíduo. Mas para o Estado ser justificador, ele primeiro precisa ser considerado justo — sua autoridade deve beber de um Autor, de uma fonte legítima (CACCIARI, 2016).

É nisso que consistem a legitimidade e a legalidade das instituições. Como percebeu Agamben (2016), contudo, as instituições ocidentais todas degeneraram e já não mais conseguem legitimar e justificar as nações e as sociedades, donde a hipertrofia do direito, tão presente na democratura, procurando sustentar burocraticamente um poder que já não é mais

aceito com naturalidade. Isso abriu um vazio ontológico que na primeira crise severa foi preenchido pela oferta de uma cruzada global contra uma ameaça invisível. Foi ali que cada Estado recuperou provisória e artificialmente sua autoridade e legitimidade, não a partir de uma regeneração dos fundamentos republicanos, mas do potencial de uso de suas estruturas para estabelecer uma boa logística e uma rígida legislação para o alastramento do “evangelho” da Saúde em nome da Ciência. Após isso, os Estados precisarão procurar outros pretextos para sua existência como veículos para entidades maiores, sempre ao preço de maiores restrições das liberdades, que serão rapidamente aceitas em troca de novas aventuras morais para multidões ciclicamente carentes de expiação.

Devo concluir esse extenso estudo sobre as diversas dimensões da Pandemia, como um vírus primeiro espiritual e cultural e, só no final, propriamente orgânico, com um antigo mito que condensa todo o conceito, demonstrando que não é novo o entendimento de que moléstias coletivas nunca são apenas fisiológicas. Para os gregos, Afrodite, divindade que condensava toda a simbólica feminina (mar e terra, fertilidade e Eros), era dupla (FORNORI, 2017): Urânia e Pandêmia. Afrodite Urânia (*ouranós* significa Céu) personifica o amor espiritual,

platônico e límpido, baseado na apreciação contemplativa da Beleza, enquanto Afrodite Pandêmia (*pan-todo, demos-povo*) está ligada ao caos e às paixões da multidão. A Afrodite Urânia é comumente retratada emergindo do Mar sobre uma concha aberta e isso representa a mente iluminada pela sabedoria, retirada do caos aquático da inconsciência e da indefinição e, por isso, individualizada. A Afrodite Pandêmia, por sua vez, é retratada em terra, junto de frutos e de um carneiro, que é o símbolo do deus do caos terrestre Pã (*Pan*), selvagem carneiro dos bosques, dado aos desmandos dos instintos e dos desejos do baixo ventre. Afrodite Pandêmia, ao contrário da iluminação pela sabedoria, que retira a mente individual da desordem oceânica, despersonaliza o sujeito, levando-o de volta ao caos da multidão, à mistura com a terra e à entrega aos prazeres viscerais. Aqui Afrodite é Pandêmia também no sentido de ser causadora de doenças venéreas que se alastram em decorrência da embriaguez coletiva, que é perpetradora de outras tragédias, originadas e fomentadoras da ignorância espiritual. Descreve, em resumo, a devastação pessoal obtida pela satisfação de desejos vulgares. No lugar da concha, Afrodite Pandêmia pode ser ilustrada como montada num dragão, imagem do caos terrestre e aquático, que dirige com firmeza e vigor.

O símbolo da Afrodite Pandêmia é a definição mais completa da Pandemia como temos discutido: um retorno ao caos precedido pela ignorância espiritual, que tem devastado o Ocidente nas últimas décadas e destruído as individualidades em nome da coletividade e dos prazeres fáceis da multidão, que é sempre mais bestial do que iluminada. O vírus veio e se alastrou pelo mundo, mas as reações de grossa fatia da população sinalizam, como bem nos mostraram Agamben e Valli, uma doença generalizada que aflige as almas desde muito antes — essa é a verdadeira Pandemia.

NOTAS

AGAMBEN, G. *O Mistério do Mal*. São Paulo: Boitempo, 2016.

AGAMBEN, G. *Reflexões sobre a peste*. São Paulo: Boitempo, 2020.

BECKER, Ernest. *A Negação da Morte*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1995.

BOUKOVSKY, V. *Uma Nova Doença Mental na URSS: A oposição*. Afrodite, 1976.

BRITO, U.; SWAIT, J. *Fumando cachimbo de modo cristão*. Brasília: Monergismo, 2014.

CACCIARI, Massimo. *O Poder que Freia*. Belo Horizonte: Editora Âyné, 2016.

DAHLKE, R. *A Doença como Linguagem da Alma*. São Paulo: Cultrix, 1999.

DELUMEAU, J. *História do Medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

EIGEN, M. *Cabala e Psicanálise*. São Paulo: Karnac, 2016.

FARAGO, F.; ALVES, E. F. *Compreender Kierkegaard*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FORNORI, Livio. *Bomarzo, The sacred alchemical grove* (documentário audiovisual). Altra Civiltà Video: 2017. Disponível no youtube.com

FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. São Paulo: Paz e Terra, 2021.

FRANKL, V. *Psicoterapia e Sentido da Vida*. São Paulo: Quadrante, 2019.

HAIDT, Jonathan. *A Mente Moralista: Por que pessoas boas são segregadas por política e religião*. Rio de Janeiro: Alta Cult, 2020.

HADJADJ, F. *A Profundidade dos Sexos*. São Paulo: É Realizações, 2017.

HOPPE, H. H. *Democracia, o deus que falhou*. São Paulo: LVM, 2014.

KALSBECK, L. *Contornos da Filosofia Cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2019.

KOLAKOWSKI, L. *A Presença do Mito*. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.

MALGO, W. *Medo, Problemas, Depressões, Desespero*. Porto Alegre: Chamada da Meia-Noite, 1999.

MEDVEDEV, R. A.; MEDVEDEV, Z. A. *Uma Questão de Loucura*. Artenova, 1972.

OAKESHOTT, Michael. *Conservadorismo*. Belo Horizonte: Âyné, 2016.

POLANYI, M. *A Lógica da Liberdade*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2003.

RUSHDOONY, R. J. *Cristianismo e Estado*. Brasília, DF: Monergismo, 2018.

STEINER, G. *Nostalgia do Absoluto*. Lisboa: Relógio D'Água, 2003.

VALLI, A. M. *Vírus e Leviatã*. Curitiba: Danúbio, 2021.

Maurício Zágari



Além de ser um dos maiores autores cristãos de todos os tempos em língua portuguesa, **Maurício Zágari** é bacharel em Teologia, pela FTSA - Faculdade Teológica Sul Americana. Estudou na PUC-RJ e é pós-graduado em Comunicação Empresarial, pela Faculdade UNIBF. Frequentou o Colégio de São Bento.

No dia 6 de setembro, chamei o irmão Zágari, via aplicativo WhatsApp, para entrevistá-lo para a Revista Fé Cristã (havia salvado o contato dele “clandestinamente”, de tempos atrás, quando ele aplicou um estudo teológico num grupo de estudos do qual ainda sou um dos administradores). A simpatia em pessoa, Zágari prontamente respondeu: “Oi, Marcos, bom dia! Mano, é só dizer. Vc quer fazer por audio, video, texto...?” Como diz o ditado: “me pegou com as

calças na mão” – não esperando que ele concordaria de pronto, eu não havia sequer pensado no tema. No entanto, em poucos minutos, graças ao vasto trabalho deste homem na literatura cristã, já estava com o esboço da entrevista rascunhado na mente – falaríamos sobre o seu novo e, na minha opinião, polêmico livro *O Evangelho da Paz e O Discurso de Ódio*, uma parceria da GodBooks (editora liderada pelo Zágari) com a Thomas Nelson Brasil, e que foi lançado agora, em agosto de 2021. Além de ser um dos maiores autores cristãos de todos os tempos em língua portuguesa, Maurício Zágari é bacharel em Teologia, pela

FTSA – Faculdade Teológica Sul Americana. Estudou na PUC-RJ e é pós-graduado em Comunicação Empresarial, pela Faculdade UNIBF. Frequentou o Colégio de São Bento.

A seguir, a entrevista, na íntegra:

MOTTA – Como foi que surgiu a ideia de *O Evangelho da paz e o discurso de ódio*? Como editor, você teve parte na organização (com a Marisa Lopes)? Como explicar o título? Este assunto me parece que é muito caro para você... Contem-nos esta história.

ZÁGARI – A ideia do livro surgiu de conversas entre minha amiga Marisa Lopes e eu, dois teólogos cristãos inconformados com o péssimo exemplo que muitos cristãos têm dado em seu posicionamento público. Intrigava-nos como, nesta época de polarização e divisões, pessoas que se dizem seguidoras do Príncipe da Paz e que professam o mesmo Evangelho que levou os apóstolos e os cristãos da Igreja primitiva ao martírio conseguem acreditar que podem usar de ódio, agressividade, ofensas, deboches e violência verbal para defender nossos princípios e crenças. Víamos uma incoerência muito grande entre a mensagem da cruz e a prática de muitos cristãos — entre eles, líderes e formadores de opinião — em “defesa do evangelho” e queríamos entender melhor esse fenômeno. Daí veio o convite a treze mentes pensantes da Igreja, oriundos de três continentes, para contribuir com reflexões sobre o tema. O maravilhoso resultado desse exercício de pensamento, diálogo e aprofundamento bíblico é *O evangelho da paz e o discurso de ódio*. O título foca nesse paradoxo de como conciliar a mensagem de não-agressão, não-revide, não-beligerância, amor, paz e compaixão do Evangelho de Cristo com o discurso de ódio que pode facilmente ser identificado nas palavras de

multidões de cristãos no âmbito público em nossos dias.

MOTTA – A polarização político-ideológico-partidária pode ser vista como uma estratégia utilizada pelo diabo para dividir a Igreja?

ZÁGARI – Creio que Satanás apenas está se aproveitando da inclinação pecaminosa das pessoas para o ódio, a vingança, a agressão e a maldade e se esbaldando ao sugerir que abracem essas armas diabólicas “em nome de Jesus”. Ele está sendo bem-sucedido nesse processo de divisão do Corpo, que é justamente o que tentamos combater no livro, chamando nossos irmãos e irmãs à reflexão sobre como têm caído na arapuca do diabo. Lembrando que o diabo não obriga ninguém a nada, salvo em casos de possessão. Ele sugere, mas quem comete os erros somos nós.

MOTTA – Esta divisão adentrou pelas portas da Igreja ou a Igreja está mais concentrada em um dos lados da briga, lutando contra o mundo que se encontra do lado contrário? Quando você olha para o quadro, o que enxerga?

ZÁGARI – A oposição entre a Igreja e o mundo é prevista e faz parte do Evangelho (João 15.15-20). Mas, esse não tem sido o problema. O problema mais grave, no momento, são cristãos de certas linhas odiando cristãos de outras

linhas (o que é pecado contra o desejo de unidade que Cristo expressou em João 17.20-23) e o péssimo testemunho que esse posicionamento odioso e pecaminoso da parte de cristãos gera junto à sociedade não cristã. Fomos chamados a ser sal e luz e o discurso de ódio tem nos feito parecer trevas, infelizmente.

MOTTA – Como a passagem de 1 Coríntios 1.10 pode ser aplicada a esta questão da polarização?

ZÁGARI – Pode ser totalmente aplicada. Quem lê essas palavras de Paulo vê como os setores da Igreja que têm abraçado esse posicionamento estão imensamente distantes do padrão bíblico.

MOTTA – Na introdução do livro, você afirma: “*Sem perceber, [muitos cristãos] começaram a usar as armas do diabo para defender o evangelho de Cristo.*” Que armas seriam essas? O que é um “discurso de ódio”?

ZÁGARI – Não existe uma definição única do que seja discurso de ódio. No entanto, o que todas as definições têm em comum é o entendimento de que se refere a um tipo de violência verbal cuja base é a não aceitação das diferenças, ou seja, a intolerância. No contexto, trata-se de uma forma de se posicionar, com agressividade, ira, ofensas, deboche, desqualificação, arrogância e outras atitudes

anticristãs ao “dialogar” com quem pensa diferente de si. Ponho “dialogar” entre aspas porque o discurso de ódio não promove a saudável dialética do diálogo com quem pensa diferente, apenas tem como foco atacar, desmerecer, diminuir, agredir. As armas do diabo são justamente, aquilo que vai contra as nove virtudes do fruto do Espírito que Paulo listou em Gálatas 5.22-23. Entre essas armas, podemos elencar hostilidade, discórdias, acessos de raiva, ambições egoístas, dissensões, divisões, e outros pecados semelhantes (Gálatas 5.19-21).

MOTTA – O cristão brasileiro sabe debater política (na internet, em família, entre irmãos e amigos)? O que precisa ser mudado?

ZÁGARI – Muitos felizmente sim, muitos infelizmente não. O que precisa ser mudado entre os que abraçam o discurso de ódio: o uso de argumentos bíblicamente embasados e não conceitos pré-concebidos, a capacidade de ouvir com interesse quem pensa diferente, o abandono de rótulos desqualificadores, o desejo de pacificar e não de pôr lenha na fogueira, o abandono da arrogância, a priorização do Evangelho acima de ideologias humanas, entre outras posturas. Soube recentemente de um irmão que havia sido convidado para participar de um diálogo *on-line* e que, por pressão de certos grupos, foi “desconvidado” pelos

organizadores. Isso é o cúmulo! Mostra que só queremos impor e não dialogar. Estamos dispostos a dialogar, mas só com quem concorda conosco? Isso não é diálogo! E sem diálogo não há esperança. Esse tipo de atitude é vergonhoso para quem se diz cristão.

MOTTA – Como a Igreja pode encontrar unidade e paz em meio às muitas divergências internas que existem tanto na esfera teológico-denominacional quanto na esfera político-ideológica?

ZÁGARI – Compreendendo que unidade não é uniformidade nem igualdade. Jesus nos chamou para vivermos em “*unidade perfeita*” (João 17.23) tendo total entendimento de que seríamos diferentes. Na prática, isso é se aproximar pelo que temos de igual e tolerar as diferenças, em amor. Infelizmente, nossa arrogância não nos tem permitido viver isso. Só seremos um como Cristo e o Pai são um — como Jesus quer! — no dia em que passarmos a valorizar mais a Bíblia e sua proposta de vida do que nossas arrogâncias ideológicas, doutrinárias, denominacionais e teológicas.

MOTTA – O que Lutero quis dizer com a célebre frase: “A paz se possível, a verdade a qualquer preço”? Existem casos, hoje, nos quais podemos apelar para esta fala do reformador?

ZÁGARI – Eu considero que Lutero estava terrivelmente errado ao dizer isso. A verdade a qualquer preço, sim, mas a paz também. Por quê? Porque a promoção da paz não é opcional, ela é um dos pilares do Evangelho de Jesus Cristo, e por isso não pode ser relativizada. Entre essa proposta do grande reformador e a proposta de Cristo — que chamou os promotores da paz de bem-aventurados, que saudava com a paz aonde chegava, que manifestou a paz como uma das virtudes do fruto do Espírito, que é o Príncipe da Paz e pregou o Evangelho da paz —, eu fico com a de Cristo. Lutero errou feio ao propor isso.

MOTTA – Aparentemente, um dos lados do espectro político parece ser mais favorável à existência e continuidade das igrejas cristãs no país, isto é, sem maiores restrições. Levando em conta essa percepção, como um cristão deve se comportar diante de um irmão na fé que apoia o lado contrário?

ZÁGARI – O compromisso do cristão tem de ser com a verdade e não com partidos e ideologias políticas. Todos os lados do espectro político possuem erros e acertos, logo, devemos apoiar o que há de bom, justo e verdadeiro de qualquer lado. Nosso erro está em divinizar ideologias socio-político-econômicas como se fossem representantes ou

mesmo equivalentes ao Evangelho de Cristo. Não são. É absolutamente impossível que ideologias formuladas por seres humanos pecadores, falíveis e sujeitos à depravação total representem o Evangelho suprapartidário de Jesus Cristo ou se apresentem como sistemas inerrantes. Seria loucura supor isso. Portanto, o cristão deve se comportar diante de um irmão na fé que apoia o lado contrário como a Bíblia nos orienta: amando.

Com compaixão, graça, perdão, paciência, mansidão e domínio próprio, falando só aquilo que traz edificação. E, como diz Paulo em 2 Timóteo 2.24-26, se achamos que quem se opõe está errado, não devemos viver brigando, mas sermos amáveis com todos, ensinando com paciência, instruindo com mansidão aqueles que se opõem, na esperança de que Deus os leve ao arrependimento e, assim, conheçam a verdade.

MOTTA – Uma última palavra, Zágari?

ZÁGARI – A todos que abraçaram o discurso de ódio “em nome de Jesus”, convido a que se arrependam de seu pecado, o confessem a Deus e deixem essa prática, para que possam viver de fato a proposta do Evangelho da paz.

Somos pecadores porque pecamos ou pecamos porque somos pecadores?



Marcos Motta, 28 anos, é editor-chefe da Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Lajeado - RS, é estudante autodidata de teologia, e autor do livro *Não Estamos Derrotados: A Verdadeira Vitória* (2017). Na igreja local, coopera como pregador, e também como músico, cantor e compositor. Casado com Talita Motta.

Um dos assuntos mais tratados na Bíblia é o assunto do pecado. Sabemos que a Bíblia nos traz a história da redenção, isto é, a história de como Deus criou a tudo o que existe a fim de que a Sua Criação manifestasse a glória dos Seus atributos, dentre os quais, Sua santidade, Sua justiça, Sua misericórdia e o Seu amor, sendo que o núcleo central dessa manifestação gloriosa é a redenção do homem e da própria Criação do cativeiro do pecado ao qual foram submetidos. Quando estudamos a Bíblia, portanto, aprendemos que estava incluída no plano de Deus a existência do pecado. É por isso que não apenas encontramos este assunto já nos trechos iniciais do livro de Gênesis, mas, ao longo de toda a Escritura.

Para além da Bíblia, podemos ver as evidências da presença do pecado ao longo de toda a História. Desde aquele terrível momento em que este “invasor” deu às caras, as manchas causadas por ele são percebidas em todas as esferas da vida humana, manchas essas que são superadas em frequência apenas pelas manifestações da misericórdia, da bondade e do amor de Deus pelo gênero humano, as quais trazem luz sobre a humanidade apesar de seu estado pecaminoso. Uma desobediência aqui, um assassinato ali, uma mentira acolá, e o mundo se transformou nisto que conhecemos hoje, de maneira que, se não fosse a misericórdia, a bondade e o amor de Deus, o mundo seria a materialização do inferno – se é que Deus já não teria nos destruído por completo.

Nesta questão do pecado, no entanto, algumas indefinições permanecem na mente dos cristãos [e dos não cristãos]. O que é o pecado? Quais são as consequências do pecado? Qual é a nossa relação com o pecado? Quando Jesus morreu na cruz, o que aconteceu com os nossos pecados? E quando nos arrependemos e cremos, o que acontece? Qual é a relação entre liberdade e pecado? A lista é por demais longa para continuarmos... esses são apenas alguns dos questionamentos que fazem parte do nosso imaginário quando se trata deste assunto. Vamos discorrer sobre alguns deles a partir de agora.

O que é o pecado?

De uma perspectiva simplista, o pecado, do grego hamartia, significa “errar o alvo”. A Bíblia diz que “o pecado é a transgressão da Lei” (1 João 3:4). Os dicionários teológicos

ainda vão definir o pecado como errar ou desviar-se do caminho de retidão; fazer ou andar no erro; desviar-se da Lei de Deus; violar a Lei de Deus; praticar aquilo que é errado, uma ofensa, uma violação da lei divina em pensamento ou em ação.

Uma confusão: o pecado como ato, evento ou prática e o pecado como estado, condição ou natureza

Perceba que, no tópico anterior, as definições [que são as mais comuns] precisamente se resumem em o pecado ser algo produzido pelo homem, em forma de ação ou em forma de pensamento. Resumidamente, o homem peca ao agir ou pensar em desconformidade com a lei de Deus. Estas definições estão corretas, é claro, no entanto, elas são somente parte do problema: o problema principal do ser humano é, na maioria do tempo, ocultado nos diálogos e reflexões, é muitas vezes ignorado pela maioria, mesmo sendo explicitamente ensinado pelas Escrituras.

A confusão se dá a partir do fato de que a Bíblia não ensina apenas que o pecado é um ato, um evento protagonizado por um indivíduo, que acontece em seu interior ou exterior, e que ofende a Deus, enfim, apenas algo que praticamos. Antes,

também nos ensina que o pecado é um estado de ser, uma condição em que nos encontramos, uma natureza que está acima da nossa vontade e que a rege – é anterior a ela. Pecado, deste modo, é tanto ser e estar, quanto é fazer ou cometer.

Louis Berkhof, em sua **Teologia Sistemática**, escreve que

“O pecado não consiste somente de atos patentes, mas também de hábitos pecaminosos e de uma condição pecaminosa da alma. Estes três âmbitos se interrelacionam do seguinte modo: o estado pecaminoso é a base dos hábitos pecaminosos, e estes se manifestam em ações pecaminosas. [...] As ações e as disposições pecaminosas do homem devem ser atribuídas a uma natureza corrupta, que as explica. [...] o estado [ou a condição do homem] é completamente pecaminoso[a]. E se for necessário levantar a questão sobre se os pensamentos e os sentimentos do homem natural, chamados “carne” na Escritura, devam ser considerados como constituindo pecado, poder-se-ia responder indicando passagens como as seguintes: Mateus 5:22,28; Romanos 7:7; Gálatas 5:17,24, e outras. Em conclusão, pode-se dizer que se pode definir o pecado como falta de conformidade com

a lei moral de Deus, em ato, disposição ou estado.”¹²

Em Romanos 5, Paulo nos ensina detalhadamente sobre essa tensão entre o homem e o pecado. Analisemos um dos versículos deste célebre capítulo da Bíblia:

“Pela desobediência de um só homem, muitos foram feitos pecadores...” (Romanos 5:19a)

O que este, que é um dos últimos versículos do capítulo, está nos ensinando? Ora, que fomos feitos pecadores por causa da “desobediência de um só homem” – isto é, antes de as nossas próprias obras serem levadas em conta, não obstante se são negativas ou não [quando consideradas isoladamente], já nos encontramos no estado ou na condição de pecadores, por causa da desobediência deste único homem, a saber, o primeiro homem, nosso pai, Adão. Perceba que o texto não está apenas dizendo que o pecado de Adão nos levou a cometer os nossos próprios pecados e por isso somos pecadores. Não está escrito: “pela desobediência de um só homem, muitos foram levados a fazerem de si mesmos, pecadores”. Não. A Escritura está nos dizendo que a própria desobediência de Adão é que nos tornou quem somos: por ela, fomos feitos pecadores.

¹² BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática** (Cultura Cristã), 225.

John Murray sintetiza a questão da seguinte maneira:

*“o pecado de Adão é considerado por Deus também como o pecado da posteridade. O mesmo pecado é posto na conta deles; é reconhecido como deles. [...] quer dizer simplesmente que este pecado é considerado por Deus como nosso. Já vimos que o ensino de Paulo vem no sentido de que a transgressão de um foi o pecado de todos, que, quando Adão pecou, todos pecaram.”*¹³

Evangelismo e pecado

No evangelismo, segue-se que um dos grandes desafios do evangelista é o de demonstrar ao ouvinte que ele é um pecador. As pessoas, em geral, não se consideram pecadoras. De certa maneira, entendem que todo mundo erra, que todos, vez ou outra, cometemos pecados e deslizes, no entanto, não em uma intensidade tal que nos faça deixar de sermos pessoas boas.

Talvez, a grande razão para que isso seja assim é que elas olham muito para os seus atos em si, e olham pouco ou nem um pouco para o seu estado ou para a condição em que se encontram à luz da Verdade de Deus. O que se dá é que, ao se compararem com grandes criminosos ou pessoas que consideram piores em relação a si mesmas, não enxergam que, antes dos atos, a própria fonte

destes atos está contaminada – elas mesmas, seu coração, seu interior.

É de grande importância, portanto, que, no evangelismo, o evangelista demonstre ao ouvinte não apenas que seus atos são pecaminosos, sejam eles bons ou maus à primeira vista, mas que a fonte desses atos, isto é, a natureza do homem em Adão está corrompida e manchada pelo pecado – é uma natureza pecaminosa. E é esta natureza que rege a vontade do ser humano, suas motivações. Assim como um leão que, podendo optar entre uma alface e um pedaço de carne, escolhe o pedaço de carne [por causa de sua natureza carnívora], nós mesmos escolhemos coisas, agimos e nutrimos pensamentos e sentimentos de acordo com a nossa natureza.

Reto aos seus próprios olhos

A Bíblia é claríssima:

“Todo caminho do homem é reto a seus próprios olhos, mas o SENHOR, é quem julga suas motivações mais íntimas.” (Provérbios 21:2) *“...o Senhor sonda todos os corações e conhece a motivação dos pensamentos.”* (1 Crônicas 28:9)

E o que o Senhor vê quando sonda os pensamentos e motivações do coração do

homem que não está [pela fé] em Cristo, mas que permanece sob os efeitos do pecado, sob a regência de sua natureza pecaminosa, não regenerada?

“que TODA a imaginação dos pensamentos de seu coração [é] só má continuamente...” (Gênesis 6:5)

Jesus nos esclarece:

“Porque do coração é que procedem os maus intentos, homicídios, adultérios, imoralidades, roubos, falsos testemunhos, calúnias, blasfêmias.” (Mateus 15:19)

TODA a imaginação dos pensamentos do coração do homem é má. Nesta condição, inclusive as coisas aparentemente boas que o homem pode vir a praticar são, em última instância, pecado, pois estão contaminadas desde a fonte, que é o seu próprio coração corrompido, que está em estado ou condição de pecado, à parte do relacionamento com Deus que é pela fé.

A Bíblia ensina que *“tudo o que não provém de fé é pecado”* (Romanos 14:23). Para além disso, a fim de que aprendamos sobre a abrangência e profundidade dos efeitos do pecado, ela declara também que *“O sacrifício dos perversos já é abominação; quanto mais*

¹³ MURRAY, John. *A Imputação do Pecado de Adão* (Editora Monergismo, 2019), 60.

oferecendo-o com intenção maligna!” (Provérbios 21:27)

Veja: o sacrifício do ímpio, por si só, já é abominação aos olhos de Deus, simplesmente porque é oferecido por alguém que é ímpio – mais ainda se for oferecido com má intenção: um caso duplamente abominável diante do Senhor. À luz do Novo Testamento, o que entendemos é que, sem que sejam purificadas por Cristo, as obras e atos do homem são inteiramente condenáveis, não tendo nenhum valor espiritual para Deus, não servindo para recomendá-lo de maneira alguma diante do Senhor, por mais que aparentem ser boas e bem-intencionadas.

Em Provérbios 21:4, a Palavra de Deus, de maneira ainda mais contundente, coloca o próprio fruto do trabalho do homem, a sua lavoura, ao lado de pecados bem mais comuns, como arrogância e ter o coração orgulhoso, de maneira que não tenhamos dúvidas de que, para Deus, até o resultado do esforço laboral do homem ofende a Deus, por ser este produzido por alguém que O rejeita:

“Os olhos altivos, o coração orgulhoso e até a lavoura dos ímpios é pecado.” (Provérbios 21:4)

Os homens pecam porque estão “mortos”

“Portanto, como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo

pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens por isso que todos pecaram.” (Romanos 5:12)

Prestemos atenção no desenrolar desse assunto em Romanos 5. No final do versículo 12, Paulo nos ensina que todos os homens pecaram por causa da morte que passou a todos eles. Eles não apenas morrem porque pecaram, mas pecam porque foram atingidos por esta “espécie de morte”. Devemos nos questionar aqui: que morte é esta que entrou no mundo e que, ao invés de levar os homens diretamente ao túmulo, fê-los pecar, estando eles ainda fisicamente vivos? Certamente, por mais que o pecado tenha trazido consigo a morte física, não é deste tipo de morte que Paulo está tratando, correto?

O pecado de Adão trouxe aos seus descendentes, a humanidade, aquilo que chamamos de “morte espiritual”. Isto é, os homens pecam deliberadamente em ações e pensamentos porque estão mortos espiritualmente, alheios à vida de Deus, com sua mente encoberta por trevas e seu coração endurecido (Efésios 4:18) – isto é, sua natureza é pecaminosa. Pecam porque são pecadores. Antes dos atos pecaminosos em si, há esta condição do ser, do coração, que os leva a cometê-los, e para a qual não possuem nenhum tipo de resistência.

Por isso, Paulo diz que “os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne” (Romanos 8:5) – isto é, aqueles que não têm sua vontade regida por um espírito que foi vivificado pelo poder de Deus são regidos por sua natureza pecaminosa, inclinando-se sempre e sempre para as “coisas da carne”. Ser “segundo a carne”, portanto, é o mesmo que ser um morto espiritual – é continuar a existir segundo a morte em Adão. E a capacidade do morto espiritual é apenas para pecar. A sua escolha entre dois caminhos diferentes, mesmo que um represente a escolha por “fazer o bem”, é sempre uma escolha entre duas maneiras diferentes de cometer pecado contra Deus – porque as motivações por trás de qualquer escolha de um homem ímpio por fazer o bem, são más. Estando mortos em Adão, por quem entrou a morte (espiritual) no mundo (assim como a morte física), suas obras são imperfeitas.

Eis a passagem inteira:

“Porque os que são segundo a carne [os mortos de Romanos 5:12] inclinam-se para as coisas da carne [ações e pensamentos próprios de quem está morto espiritualmente]; mas os que são segundo o Espírito [vivificados, regenerados, vivos espiritualmente, inclinam-se] para as coisas do Espírito. Porque a inclinação da carne é morte [isto é, a carne se inclina para a morte]; mas a inclinação do Espírito é vida e paz [o

espírito vivificado pelo Espírito, se inclina para a vida]. Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus [isto é, a carne, os mortos espirituais, estão inclinados a agirem como inimigos de Deus], pois não é sujeita à lei de Deus, NEM, EM VERDADE, O PODE SER [eles não podem sequer obedecer à vontade de Deus, sujeitando-se a Ele, pois sua natureza os leva sempre a agir segundo as suas próprias vontades pecaminosas]. Portanto, OS QUE ESTÃO NA CARNE NÃO PODEM AGRADAR A DEUS. [eles não apenas não querem agradar a Deus, mas, mais do que isso, não podem agradá-lo de forma alguma]” (Romanos 8:5-8)

Por isso, Paulo enfatiza que estes que estão mortos por causa de Adão, isto é, todos os seres humanos, precisam ser vivificados pelo poder do Espírito, regenerados, trazidos à vida de Cristo.

É isso que aconteceu com cada crente em Cristo. Escrevendo aos crentes da Igreja em Éfeso, o apóstolo esclarece:

“E vos VIVIFICOU [eles tiveram de ser trazidos espiritualmente à vida, ressuscitados], estando vós MORTOS em ofensas e pecados [“mortos”, aqui, não significa a continuidade em viver uma vida errada que levará à morte

eterna no futuro, mas a condição espiritual presente daqueles que não foram vivificados espiritualmente], em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência; entre os quais todos nós também antes andávamos [este era o estado de todos os crentes antes de serem vivificados por Cristo] NOS DESEJOS DA NOSSA CARNE, FAZENDO A VONTADE DA CARNE E DOS PENSAMENTOS; e éramos POR NATUREZA filhos da ira, como os outros também.” (Efésios 2:1-3)

Como apoio, John Murray, já citado anteriormente, traz à lume a fala do Dr. Charles Hodge:

“Quando Adão caiu do estado em que fora criado, a posteridade caiu com ele em sua primeira transgressão, de modo que a penalidade por esse pecado veio sobre esta [a posteridade] assim como veio sobre ele [Adão]. Os homens, portanto, tiveram sua prova [seu teste] em Adão. Tendo ele pecado, seus descendentes vieram ao mundo em um estado de pecado e condenação.”¹⁴ [Grifos meus]

Este estado de pecado e condenação é resumido na morte espiritual ou natureza pecaminosa que dá origem a

todas as ações dos seres humanos que não estão unidos pela fé a Cristo.

Isso é precisamente o que a Bíblia ensina:

“pela ofensa de um só, a morte reinou por esse, [a morte espiritual, bem como a morte física passou a todos os homens] [...] por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, [...]” (Romanos 5:17a, 18a)

A morte antes da Lei mosaica como evidência de que o pecado é algo além de um mero ato – é uma condição herdada, uma natureza recebida

“Porque até à lei estava o pecado no mundo, mas o pecado não é imputado, não havendo lei. No entanto, a morte reinou desde Adão até Moisés, até sobre aqueles que não tinham pecado à semelhança da transgressão de Adão...” (Romanos 5:13-14)

Na sequência do pensamento de Romanos 5, Paulo vai responder à pergunta: “Por que os homens, de Adão até Moisés, morriam fisicamente, visto que eles estavam vivendo numa época em que não havia uma lei explícita [da parte de Deus] para os homens, de forma que seus pecados não podiam ser imputados a eles, e nem o castigo merecido por esses pecados, que é a morte (Romanos 6:23)?” Sem lei, sem

¹⁴ HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. 630. Citado em MURRAY, John. *A Imputação do*

Pecado de Adão (Editora Monergismo, 2019), 61.

pecado; sem pecado, sem morte – seria o lógico. Mas, estes homens, ainda assim, morriam.

Paulo diz que, desde Adão até o tempo em que a Lei foi revelada a Moisés, o pecado existia, é claro, mas uma vez que esses homens não tinham conhecimento do conteúdo da Lei que ainda seria revelada futuramente, logo, não lhes eram imputados os seus pecados. Em Romanos, o apóstolo afirma categoricamente que é pela Lei que vem o conhecimento do pecado (Romanos 3:20). No entanto, os seres humanos da época, mesmo sem Lei e, consequentemente, sem conhecerem o pecado, sofriam a pena prevista para aqueles que pecam. Qual é a razão disso? A razão disso é que todos carregavam em si mesmos a culpa pelo pecado de Adão, o que os transformava em pecadores mesmo sem estarem debaixo de lei alguma.

Ser pecador era não apenas a consequência dos atos pecaminosos daqueles homens, mas a condição herdada de seu ancestral comum, seu *representante federal*, Adão. E essa culpa, mais do que culpa meramente representativa, era evidenciada em sua natureza inclinada à maldade e em seu

coração que gerava continuamente pensamentos e sentimentos maus – a condenação que foi sobre Adão estava sobre eles, isto é, morte espiritual, além da morte física.

Da mesma forma, a consequência (física e espiritual) do pecado de Adão está sobre nós. Assim, mesmo não tendo cometido especificamente o mesmo pecado de Adão, somos seres humanos que receberam em si mesmos a morte. Em Adão, contraímos a natureza pecaminosa, e a culpa pelo pecado. Somos pecadores não apenas por consequência direta daquilo que fazemos, mas aquilo que fazemos é consequência direta da condição que herdamos, da natureza que recebemos.

Todos estavam em Adão, morrendo através de seu pecado

“pela ofensa de um morreram muitos...” (Romanos 5:15)

Todos os membros da raça humana vieram à existência verdadeiramente pelo ato ou processo de geração; este é o meio divinamente constituído pelo qual o projeto preordenado de Deus se manifesta no curso da história.

De maneira vital e indissolúvel, somos e estamos ligados aos nossos antepassados. Se a vida funciona assim, é um erro capital perguntar: quando cada membro da raça se torna de fato pecador? Pois, a verdade é que cada pessoa jamais passa a existir senão como pecadora. É por isso que Davi escreve: *“Eis que em iniquidade fui formado, e em pecado me concebeu minha mãe.”* (Salmos 51:5) Davi não estava falando que sua mãe o concebeu enquanto cometia um ato de adultério ou algo parecido. Ele está nos ensinando que, por causa da natureza que todos compartilhamos, fomos concebidos “no” pecado, “em” iniquidade.

Tendo nascido “em Adão”, toda pessoa que vive e que já viveu, e que viverá neste mundo, é contemplada por Deus como pecadora em razão de estar “em Adão”, de Adão ser seu representante, de todos estarmos “em Adão”, assim como aqueles que são salvos estão “em Cristo”, o representante do Seu Povo. Tal fato persiste até que um novo fato se apresente: o de a pessoa que estava “em Adão” passar a estar “em Cristo”.

A Teoria da Evolução resiste à complexidade da vida?



Marcos Motta, 28 anos, é editor-chefe da Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Lajeado - RS, é estudante autodidata de teologia, e autor do livro *Não Estamos Derrotados: A Verdadeira Vitória* (2017). Na igreja local, coopera como pregador, e também como músico, cantor e compositor. Casado com Talita Motta.

Em agosto de 2021, escrevi um artigo me posicionando contra o *evoteísmo*. O *evoteísmo*, apenas para recapitular, nada mais é do que uma tentativa de fusão entre a *teoria da evolução* (evolucionismo) e o *teísmo*. Um dos principais argumentos daquele artigo é o seguinte:

“[apesar de que] na academia, [possa haver] uma quantidade bastante significativa de pessoas defendendo que a teoria da evolução explica as nossas origens, definitivamente, não há um consenso acerca desse assunto. [...] o evoteísta erra como todo evolucionista tradicional, sendo dogmático em suas afirmações, sem admitir que, em Ciência, existe a

necessidade de um constante aperfeiçoamento por parte do cientista e, em consequência disso, de muita cautela em suas afirmações, pois dados novos são encontrados a todo momento, de maneira que conclusões antigas precisam ser revistas e corrigidas, a fim de que a verdade prevaleça – é preciso se render aos dados.”¹⁵

O que tentei dizer é que as descobertas científicas mais recentes, quase em sua totalidade, demonstram que as conclusões dos evolucionistas, e consequentemente dos *evoteístas*, são conclusões que, hoje, baseiam-se muito mais na *teimosia*, ou na *preguiça*, ou no medo, do que nos dados científicos propriamente ditos. Estou afirmando aqui que o

consenso existente é, na verdade, uma falsa concordância, e demonstraremos isso futuramente. Por enquanto, afirmamos que é um consenso fraudulento no qual um grupo significativo, formado por aqueles cientistas que discordam do pensamento dominante, esconde suas convicções a fim de continuar a gozar dos benefícios que tal posição lhe traz. Concordar calado é melhor do que expor suas reais convicções, que são discordantes, e ser rechaçado.

Hoje, em áreas como química, física, bioquímica e matemática, são encontradas cada vez mais evidências que apontam para a complexidade extrema e sofisticadíssima da vida e do Universo, o que coloca em xeque a teoria da

¹⁵ O *evoteísmo* e a necessária jornada investigativa pessoal sobre as origens, que pode ser acessado em

<https://revistafecrista.art.blog/2021/08/06/o-evoteismo-e-a-necessaria-jornada-investigativa-pessoal-sobre-as-origens/>.

[jornada-investigativa-pessoal-sobre-as-origens/](https://revistafecrista.art.blog/2021/08/06/o-evoteismo-e-a-necessaria-jornada-investigativa-pessoal-sobre-as-origens/).

evolução e as convicções de seus fiéis adeptos. Com o avanço da tecnologia e o constante desenvolvimento dos próprios métodos científicos, os cientistas vêm tendo acesso a uma avalanche cada vez maior de dados que discordam inteiramente da teoria dominante até então. O que resta, portanto, é (a) a teimosia em continuar insistindo em determinado entendimento, apesar das provas em contrário, ou (b) a preguiça de se submeter a uma reciclagem, apesar de que, em muitos casos, a necessidade disso já foi sentida pelo preguiçoso, ou ainda (c) o medo de se admitir publicamente aquilo que já é convicção na mente.

Sabe-se, atualmente, que a vida e o Universo são dotados de um alto nível de informação funcional, arbitrária e aperiódica. Informação funcional nada mais é do que informação que tem propósito e função específicos. Não é lixo, nem algo meramente opcional. É informação planejada, premeditada, antevista e colocada em seu lugar necessariamente exato. A mesma informação fora do lugar exato em que ela é especificamente encontrada, resultaria em desastre, em não promoção da vida. Esta enorme quantidade de informação (na verdade, uma avalanche de informações que

são encontradas em cada milímetro já explorado do Universo) é, em muitíssimos casos, arbitrária, ou seja, não segue um padrão, uma lei identificável, uma sequência clara: simplesmente está ali.

Se, por um lado, claramente se vê, por meio da identificação de sua funcionalidade, que não foi o acaso que a trouxe até onde ela agora pode ser encontrada, por outro lado, seu lugar no todo não pode ser explicado através de leis naturais rígidas e repetitivas. Não há rastros, há somente arbitrariedade e vida resultante disso. Ou seja, esta informação *foi colocada onde está*, não seguindo lei alguma, o que elimina processos guiados por “leis de auto-organização”, ao mesmo tempo em que não pode ser explicada pelo simples acaso, pois não poderia estar em nenhuma outra posição diferente daquela na qual foi encontrada.

A teoria da evolução tem convencido muitos de que esta intuição que temos de que tudo tem um propósito, esta convicção interna de que a existência não é apenas isto que conhecemos, enfim, o design da vida, sim, isso tudo é nada mais do que aparência, pois a vida é resultado, na verdade, de processos naturais não guiados e que podiam simplesmente não acontecer.

Para o evolucionista, em primeiro lugar, há o processo natural, que começa na chamada “lei de auto-organização” – de alguma forma, o Universo iria se organizar. No entanto, por não haver um Guia, um Organizador, esta organização poderia simplesmente ter se auto-organizado de forma a não dar origem à vida como a conhecemos – esta vida que os evolucionistas chamam de “uma simples versão atualizada dentre as milhares de possíveis alternativas que não têm acontecido”.¹⁶

Há, de algum modo que o evolucionista não sabe explicar, uma lei que faz a organização necessária. Todavia, esta lei comporta também o acaso – ou seja, a lei de auto-organização acaba por não nos contar o *como*, apenas o *porquê*: ela define que as coisas devem se organizar, mas não dita as regras sobre como essa organização deve acontecer, de maneira que as coisas acabaram se organizando, e outras leis menores foram resultando dessa organização, mas, no final das contas, tudo poderia ser completamente diferente, pois não há nenhum Guia colocando a coisa toda em seu devido lugar. Santa loteria em que nós ganhamos! Uma lei suprema dá origem à não-lei, o acaso, que se organiza aleatoriamente, e dessa não-lei

¹⁶ VASCONCELLOS, Áurea R. RODRIGUES, Clóvis G. LUZZI, Roberto. *Complexidade, auto-*

organização e informação em sistemas dinâmicos, disponível em <https://www.scielo.br/j/rbef/a/FSFb>

9pfBDMxJQfFwMKfRWq/?lang=pt. Acesso em 18 de novembro de 2021, 0:30h

(o acaso) surgem algumas leis, alguns padrões, que podem ser identificados hoje, pelos cientistas. Que bagunça.

No entanto, as descobertas científicas mais recentes mostram que, diferente do que defendem os evolucionistas, apesar de toda a informação que possibilita a vida ser funcional, arbitrária e aperiódica, esta informação é de um ajuste extremamente fino, de modo que aquilo que é arbitrário trabalha, ao mesmo tempo, de formas interdependentes e constantes, unindo forças para viabilizar a nossa existência e a do Cosmo.

Toda informação funciona em favor da vida de uma forma cooperativa, sincronizada e automatizada.

Mais do que isso, toda a informação existente não apenas está no lugar exato em que deveria estar, caso contrário a vida não existiria, mas esta informação consiste também de estratégias que anteviram entraves e resolveram problemas futuros de antemão. Isso é antevidência genial. E o problema óbvio aqui é que o

acaso não prevê nada. O acaso lida com o presente, apenas isso, mas não lida com o futuro que ainda não existe, com problemas e anomalias que ainda surgirão. O acaso não vai me proteger enquanto eu estiver distraído, porque o próprio acaso está distraído, é um acidente, um acontecimento imprevisto.

Uma lei de auto-organização que obriga que tudo se auto-organize, mas que, ao mesmo tempo, não interfere no “livre-arbítrio” de tudo aquilo que está sob sua autoridade, deixando tudo “ao acaso”, não pode antever o futuro e se preparar para ele. A verdade é que um Designer anteviu as falhas que poderiam acontecer no sistema da vida, e providenciou soluções para elas antes mesmo de elas acontecerem.

A vida é, portanto, e no mínimo, um somatório de complexidade sofisticada e irreduzível, mais informação aperiódica, arbitrária e funcional, mais antevidência genial. Tudo isso é que forma a vida, e tudo isso não pode repousar sobre a teoria da evolução, porque ela não pode

comportar tais verdades. Diante disso, aquela história de coisas iniciais rudimentares, sopas escaldantes e amebas primitivas parece não mais corresponder à realidade dos dados científicos mais recentes. A teoria da evolução caiu em obsolescência.

O que sobra, para os evolucionistas, é fé – porém, no deus errado:

“Como consequência se diz que é um dos milagres universais da Natureza que tal enorme conjunto de partículas, sujeitas somente as leis cegas da Natureza, sejam, não obstante, capazes de organizar-se em padrões de atividade cooperativa. [...] No momento atual aparece como [uma] hipótese válida que reconcilia matéria e vida [e] estamos autorizados a esperar que em algum momento no futuro possa ser provado sem ambiguidade que as propriedades de auto-organização de sistemas com a presença de reações químicas e fluxos venham a constituir o elo perdido na evolução da molécula até o homem.”¹⁷

¹⁷ Ibidem.

O relacionamento com o Espírito Santo: conhecimento e experiência



Marcos Motta, 28 anos, é editor-chefe da Revista Fé Cristã. Membro da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Lajeado - RS, é estudante autodidata de teologia, e autor do livro *Não Estamos Derrotados: A Verdadeira Vitória* (2017). Na igreja local, coopera como pregador, e também como músico, cantor e compositor. Casado com Talita Motta.

Nos últimos 150 anos, com o surgimento e solidificação do Movimento Pentecostal, o volume de livros, artigos, pregações, palestras e cursos sobre os assuntos da Pessoa e da Obra do Espírito Santo aumentou exponencialmente – como nunca antes na história da fé cristã. O Espírito Santo não é mais a pessoa esquecida da Trindade, como declarou (equivocadamente, na minha opinião) em seu livro *O Deus Esquecido*,¹⁸ de 2009, o pastor Francis Chan, conhecido mundialmente por seu notório ministério. O Espírito Santo, na verdade, é o “rosto” do cristianismo atual – se fala

exaustivamente em Sua pessoa, em Sua obra e em como devemos nos relacionar com Ele. Talvez, se fale, nas igrejas de hoje, muito mais no Espírito Santo do que no Pai e no Filho.

Não obstante, no seio do cristianismo, a questão relacionada à pessoa e à obra do Espírito Santo é por demais complexa. O problema que temos, nas diversas denominações da religião cristã, é precisamente o do “conhecimento versus experiência”. Uma turba de cristãos advoga em favor do conhecimento acerca dos assuntos do Espírito, mas nega (ou negligência), na prática, a(s) experiência(s) com Ele. Enquanto isso, do lado oposto, outra turba grita à plenos pulmões em favor de

experiências e mais experiências com o Espírito, sendo que muitas dessas experiências não são guiadas por um conhecimento sólido de Sua Pessoa e Obra. Um lado confunde conhecimento com experiência, e o outro confunde experiência com conhecimento.

Conhecimento e experiência

É claro que, de certa maneira, a experiência é ela mesma um tipo de conhecimento. Em Filosofia, por exemplo, a experiência é justamente “qualquer conhecimento obtido por meio dos sentidos”.¹⁹ Logo, para a Filosofia, em se tratando de uma relação entre personalidades, a experiência pode e vai gerar um tipo de conhecimento, contudo, um conhecimento que não exige necessariamente que uma das personalidades envolvidas na

¹⁸ CHAN, Francis. *O Deus Esquecido* (Mundo Cristão, 2010), 144 páginas.

¹⁹ Consulta do termo “experiência” no Dicionário Oxford Languages,

disponível em Google.com. Acesso em 26 de Novembro de 2021.

relação com a outra — é um conhecer meramente obtido a partir dos sentidos, não envolve solidez, precisão ou profundidade.

Por outro lado, em Psicologia, a experiência é uma forma de “conhecimento abrangente e não organizado”, ou “de sabedoria, adquirida de maneira espontânea durante a vida”.²⁰ Pergunta-se: há como se conhecer sem experimentar, isto é, conhecer apenas na teoria? De certa forma, sim. Todavia, esse conhecimento, em se tratando de relacionamento entre pessoas, não será abrangente, nem desfrutará do saber que um conhecer não organizado e imprevisível pode proporcionar — para isso se faz necessário obter experiência.

Em Ciência, no entanto, a experiência é uma forma de “conhecimento específico, ou de perícia, que, adquirida por meio de aprendizado sistemático, se aprimora com o correr do tempo”.²¹ Ou seja, a própria experiência só é experiência, de fato, quando se apresenta na forma de aprendizado sistemático, dotado de perícia, e que informa conhecimentos específicos.

Experimentar sem conhecer; conhecer sem experimentar

Segundo o Dr. Augusto de Carvalho, é possível

*“experimentar algo sem extrair de tal experiência algum conhecimento, bem como é possível conhecer sem possuir a experiência imediata sobre o objeto ou o ambiente de conhecimento.”*²²

Diante disso, convido o leitor à reflexão: o conhecimento que você tem acerca da Pessoa e Obra do Espírito Santo é, em si mesmo, experiência? Se não é, este conhecimento é suficiente sem ela? Por outro lado, a experiência que você tem com o Espírito Santo significa que você O conhece? Já aprendemos que a experiência por si só já proporciona (pois, ela mesma é) um tipo de conhecimento, contudo, um conhecimento superficial, e que não exige um relacionamento verdadeiro com o objeto conhecido. Diante dessa verdade, não se faz necessário adicionar à sua experiência com o Espírito Santo o verdadeiro conhecimento sobre Ele e que vem dEle, a fim de que você verdadeiramente se relacione com Ele (e O conheça) da forma correta?

Alguns dizem que a vida no Espírito, para nós, cristãos do Novo Testamento, consiste em tão somente apresentar os frutos do Espírito, e isso já é possível através do conhecimento da Palavra, da doutrina, da teologia correta. Nesse sentido, o Espírito tomar o Povo de Deus sobrenaturalmente, com poder, intervindo nas emoções e sentimentos do indivíduo, bem como em suas capacidades e personalidade, não é algo necessário.

Para Paulo, no entanto,

*“a vida no Espírito deveria incluir tanto o fruto quanto os dons, simultânea e poderosamente — algo que tenho chamado de vida vivida no centro. Para Paulo e suas igrejas, o Espírito como realidade experiencial e capacitadora era o agente fundamental para toda a vida cristã, do começo ao fim. Ele incluía tudo: poder para a vida, crescimento, fruto, dons, oração, testemunho e as demais coisas.”*²³

A experiência comum ao Povo de Deus

Sinclair Ferguson ensina que, no que se refere ao Espírito Santo, a ideia dominante no

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibidem.

²² LEITE, Augusto Bruno de Carvalho Dias. *Experiência e Conhecimento*. Em *Estado da Arte*, revista de cultura,

artes e ideias do Estadão. Disponível em

<https://estadodaarte.estadao.com.br/experiencia-conhecimento-augusto->

carvalho/. Acesso em 26 de novembro de 2021.

²³ FEE, Gordon. *Paulo, o Espírito e o Povo de Deus* (São Paulo, Vida Nova, 2015). Posição 217. Edição do Kindle.

Antigo Testamento é a de poder.

“A ênfase é posta, antes, em Sua esmagadora energia; aliás, alguém quase poderia falar da violência de Deus. [...] Quando o ruach Yahweh vem sobre os indivíduos, estes recebem o impulso de uma energia “estranha” e agem com poderes inusitados: o desalento se converte em ação; habilidades humanas excepcionais são exibidas; é possível que se experimente êxtase.”²⁴

O autor chega a citar Miqueias 3:8, que diz:

“Eu, porém, estou cheio do Espírito do Senhor”.

Alguém pode argumentar que, uma vez que a passagem está localizada no Antigo Testamento, deve se compreender que este enchimento não era alcançado através do buscar, por parte do indivíduo, da experiência com o divino, antes, este era um enchimento soberano, da parte de Deus, que escolhia Seus ministros e os capacitava, independentemente deles, enchendo-os com o Seu Espírito – os reis, sacerdotes e profetas. E que agora, no Novo Testamento, as coisas são diferentes – não funcionam mais assim.

Isto é verdade. Contudo, não é um bom argumento contra as

experiências espirituais e em favor de mero conhecimento intelectual. A questão é que, no Novo Testamento, todo o povo de Deus é transformado em “reis, sacerdotes e profetas” diante do Senhor:

“Mas vós sois a geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido, para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz.” (1 Pedro 2:9)

“E nos fez reis e sacerdotes para Deus e seu Pai; a ele seja glória e poder para todo o sempre. Amém.” (Apocalipse 1:6)

É por isso que Paulo nos orienta: *“enchei-vos do Espírito...”* (Efésios 5:18b). O enchimento do Espírito, o poder do Espírito, as experiências e o relacionamento vivo com o Espírito Santo, são nossos, estão disponíveis a nós!

Cito novamente Ferguson, que ecoa o que entendem os grandes teólogos:

“Sem dúvida, a partir da perspectiva do Novo Testamento, o relacionamento entre a obra do Espírito, no Antigo e no Novo Testamentos, é o de continuidade.”²⁵

Ou seja, apesar de que existem aspectos da obra do Espírito Santo que mudaram do Antigo Testamento para o Novo Testamento, esta obra e sua atividade característica, em geral, é essencialmente a mesma.

“O Espírito esteve ativo no seio do povo de Deus; sua atividade, porém, era enigmática, esporádica, teocrática, seletiva e, em alguns aspectos, externa. Os profetas suspiravam por dias melhores. Moisés desejava, porém não viu, uma vinda mais plena, universalmente ampla, do Espírito sobre o povo de Deus (Nm 11.29). A maneira de contraste, antecipado no novo pacto, o Espírito seria derramado de uma maneira universal, habitando neles pessoal e permanentemente (cf. Jl 2.28-32.; Ez 36.24-32).”²⁶

O que mudou, portanto, não é a natureza ou o conteúdo da obra, não é a atividade, nem os efeitos causados por essa atividade no indivíduo que a experimenta. O que mudou foi a amplitude e o alcance da obra. A atividade do Espírito que antes era *“enigmática, esporádica, teocrática, seletiva”*, agora é *“universal, habitando [...] pessoal e permanentemente”*.

Se tais verdades a respeito do Espírito e Sua obra não mudaram, logo, os efeitos do enchimento pelo Espírito

²⁴ FERGUSON, Sinclair B. *O Espírito Santo* (Os Puritanos, 2014). Posições 130 e 137. Edição do Kindle.

²⁵ Ibidem. Posição 366.

²⁶ Ibidem. Posição 376.

Santo no Antigo Testamento, que incluem “*poderes inusitados, energia “estranha” e êxtase*”, continuam os mesmos no Novo Testamento. Da mesma forma, aprendemos que, apesar de o enchimento pelo Espírito Santo ser, na maioria das vezes no Antigo Testamento, uma operação soberana de Deus sobre Seus ministros, este enchimento (e seus efeitos) está hoje disponível para quem o buscar – é isso que prega o Novo Testamento. A experiência com o Espírito, portanto, é comum ao povo de Deus tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento.

Pr. Silas Daniel define esta diferença da seguinte maneira:

“A única diferença da ação do Espírito no Novo Testamento em relação à sua ação no Antigo Testamento é que, com o advento da Nova Aliança, a atividade do Espírito ganhou uma abrangência e uma intensidade muito maiores. Aliás, essa é a razão pela qual o texto bíblico usa o termo “derramamento” para contrastar a ação do Espírito Santo na Nova Aliança em relação ao que se via na Antiga Aliança. O que acontecia, por assim dizer, em “conta gotas” no passado passa a ocorrer em “cascata” na Nova Aliança, alcançando muito mais gente, e de todas as nações,

e com uma intensidade muito maior.”²⁷

Conhecendo o Espírito Santo

Em 2 Pedro 3:18, aprendemos que devemos crescer “*na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador*”. É interessante que, crescer na graça e no conhecimento de Cristo é, aqui, sinônimo de crescer em experiência e em conhecimento, em ação e em doutrina, em prática e em teoria, simultaneamente.

Crescemos no conhecimento de Cristo quando lemos e meditamos na Palavra de Deus. Ele é a Palavra encarnada, e Ele é o Autor da Palavra. E Ele nos envia o Seu Espírito que ilumina a Escritura para nós e a aplica em nós, de maneira que Cristo nos fala e nos guia através dela. Conhecer a Cristo é conhecer Suas Palavras, Seus mandamentos, Seu Evangelho, o que Ele fez por nós e o que Ele requer de nós.

Crescer na Graça, por sua vez, é buscar experimentar mais e mais da santa influência de Deus sobre a nossa alma, que faz com que ela se volte para Cristo, guardando-a, fortalecendo-a, fazendo com que crescamos na fé cristã, na afeição, no fervor e no poder que nos desperta a alma ao exercício das virtudes cristãs. Crescer na Graça é submeter-se

constantemente ao governo e poder de Deus. E isso se dá através do Espírito. Crescemos na Graça do nosso Senhor e Salvador na medida em que conhecemos e nos relacionamos com o Seu Espírito, experienciando o relacionamento com Ele e seus efeitos.

É por isso que precisamos de teologia experiente e de experiências fundamentadas na teologia. Teologia que tenha experimentado do poder de Deus, e experiências que sejam reguladas e regadas pelo conhecimento da Palavra.

Para Gordon Fee,

“Nossa teologia e experiência do Espírito precisam estar mais entrelaçadas para que a vida do Espírito por nós experimentada seja mais eficiente.”²⁸

Ao invés de protestarmos uns contra os outros, de maneira sectária, devemos entender que conhecimento e experiência são dois lados da mesma moeda. O crente em Cristo necessita de ambos. Precisamos ter não apenas o nosso cérebro alimentado, mas também o coração e a alma. Precisamos, no poder do Espírito, tocar na orla do Mestre, e dEle receber poder, a fim de que anunciemos as virtudes daquele que nos

²⁷ DANIEL, Silas. *O Batismo no Espírito e as Línguas como Sua Evidência: A Imersão Plena no*

Profetismo da Nova Aliança (Rio de Janeiro, CPAD, 2020). Página 11.

²⁸ op. cit. (ver nota 6). Posição 246.

chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz.

“Uma coisa é ter o Espírito e outra é, além de tê-lo, se permitir

ser revestido e tomado por Ele.”²⁹

“No final das contas, a única teologia que importa é a que se traduz em vida; e o entendimento

de Paulo acerca do Espírito é fundamentalmente uma questão de fé vivenciada.”³⁰

²⁹ op. cit. (ver nota 10) Página 12.

³⁰ op. cit. (ver nota 6). Posição 197.

O modo de vida nas expressões artísticas: espera, estímulos e esperança



Francine Cabanas Tobin é fotógrafa, artesã e musicista da Igreja Assembleia de Deus Jardim Botânico, em Porto Alegre - RS. Graduada em Fotografia, pela ULBRA, em Canoas - RS e mestranda em Teologia pela EST - RS. Através da fotografia autoral, vem criando séries fotográficas com uma poética visual inspirada na cosmovisão cristã, buscando dialogar com as duas linguagens: fotografia e teologia.

A temática da espera nos dias atuais não soa atrativa. Abrimos o Youtube e a fala dos primeiros 3 segundos de propaganda é: “*não pare de assistir esse vídeo!*”, “*aprenda rápido com nosso curso!*”, “*você aí, venha agora ter bons lucros!*” etc. Tudo isso é evidência notável da pressa, da agitação, da insistência por atenção, intimação ao ser, característica de nosso tempo, e estes são apenas alguns exemplos, dentre diversos outros que poderíamos citar, de cunho impaciente e “urgente”.

Pergunto: em nosso cotidiano, há lugar para a espera?

Num gigante globo de muitos pores do sol, de velozes tecnologias, de crescente procura por comida rápida e prática (o *fast-food*), e numa louca sociedade que se inclina a amar a velocidade, as roupas da espera acabam não sendo atraentes. Recordo o prefácio de Guilherme de Carvalho, no livro de Vanessa Belmonte sobre espera,³¹ no qual ele aborda o encurtamento do sentido de tempo e espaço devido “às experiências do consumo globalizado e da aceleração dos processos de comunicação e informação” (p. 6,7), fazendo das pessoas menos afeitas à espera.

Em Efésios 5:15,16, Paulo nos conduz a sermos cuidadosos em nosso modo de vida:

“Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, mas como sábios, remindo o tempo, porquanto os dias são maus.”

Precisamos cuidar do nosso estar no mundo, nosso viver diário, práticas costumeiras, hábitos automáticos, nosso modo de vida, e nos preocuparmos com essa insistência em sermos ensinados (imperceptivelmente, muitas vezes) na aversão à espera, pois isto pode impossibilitar nossa vivência salvadora nos braços da esperança, bem como tirá-la do lugar diário que ela deve ter em nossas manhãs, que são renovadas pelas misericórdias de Deus, nos tornando

³¹ BELMONTE, Vanessa. *O lugar da espera na vida cristã*. Brasília: Editora 371, 2019

dependentes de estímulos e sensações insaciáveis.

Então, a partir de Efésios 5:15, a reflexão e auto-análise, a investigação acerca de nossa própria vivência, de cada esfera da nossa vida, nos deve ocupar os pensamentos e nos colocar em um tempo de silêncio e sinceridade com nós mesmos. Precisamos parar e analisar como estamos lendo o mundo e o digerindo, o que fazemos todos os dias e como fazemos, no que isto está nos tornando. Temos nos portado como ansiosos de um lado para o outro? Como ingratos pelo tempo de hoje? Cansados e sonolentos com as responsabilidades? Invejosos pela prosperidade alheia? Como toda essa nossa relação com o mundo está nos afetando?

Para esta análise precisamos saber ler ao mundo e a nós mesmos à luz da Palavra de Deus, que também é luz para nossos pés. Precisamos indagar e sermos criteriosos com o que está nos cercando, com a intenção da propaganda, a ideia do filme, a letra da música, as gírias. Devemos estar atentos e vigilantes, cientes de que não é o que entra no homem que o contamina, mas o que sai dele. Como digerimos o que entra em nós e como externamos e

aplicamos isso em nossa prática diária?

O ser humano tende a buscar satisfação, prazer e entretenimento, e nós como cristãos temos estes mesmos desejos, de maneira que devemos discipliná-los à luz da Palavra, para que não nos envolvam na armadilha do fim em si mesmo (grave perigo). Este perigo do ensimesmamento, dessa “náusea de nós mesmos”, como descrito por Antoine de Saint-Exupéry,³² torna o ser dependente de duas coisas – coisas essas abismais na relação com a espera: sensações e estímulos constantes.

Em um mundo que anseia satisfação, prazer e entretenimento com finalidade em si, a disciplina da simplicidade, o desenvolvimento do contentamento, a prática devocional, o silêncio, e a virtude da paciência acabam por serem aniquilados, tornando o ser em um ser dependente dessas sensações e estímulos constantes, em outras palavras, insaciáveis.

Se atentarmos para o cinema *hollywoodiano*, por exemplo, notaremos características hedonistas. Rodolfo Amorim, em uma palestra sobre “Prazer Redimido”,³³ traz a arte do cinema para a exposição,

endossando que “*somos criados em uma cultura que a todo momento oferece situações de prazer*”, onde a finalidade principal é gerar entretenimento, sem intenção de proporcionar uma experiência estética e artística rica, e sim de “*chamar o telespectador para ter prazer*”, isto aplicado ao cinema. Para isso, ele conta que há regras técnicas básicas nessa indústria cinematográfica, como por exemplo: “*cada tomada de câmera não pode ultrapassar seis segundos, para manter o telespectador com os olhos fitos na tela*”, o que implica em uma experiência cinematográfica hedonista, por ser um cinema feito para entreter, com estímulos a todo momento.

Note como se tornam claras a impaciência humana e a incapacidade de lidar com o tédio, com algo lento, que ultrapasse os seis segundos – somos necessitados de estímulos constantes, por sempre precisarmos ser entretidos, como crianças. Quantas implicações isso gera em nosso modo de vida?! Estes dados revelam o coração agitado e a falta de profundidade. Este exemplo, do cinema *hollywoodiano*, pode nos servir como um exercício para lermos o mundo e o que o mundo está escrevendo em

³² SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. *Cidadela*. 2ª edição. Lisboa: Editorial Aster, 1965.

³³ *Prazer Redimido: A vida Cristã Além de Platão e Epicuro* | Rodolfo Amorim.

<https://www.youtube.com/watch?v=wIQ7Cd4ppmc&t=11s>

nós, como abordado anteriormente.

Exemplos, dentro da cultura pop, de expressões artísticas que refletem esses problemas de carência por sensações, estímulos, insatisfação, ensimesmamento, não nos faltam, e são produções que conhecemos, gostamos, ouvimos, vemos, e muitas vezes sem nos apercebermos da raiz do sentimento originário que há por baixo da superfície. Podemos observar alguns bem conhecidos.

Recordo de bandas famosas, com letras musicais que expressam as inquietações do interior do ser humano, dessa busca por satisfação. Leiamos parte da canção *I Still Haven't Found What I'm Looking For*, da banda irlandesa U2:

*Eu escalei as mais altas montanhas
Eu corri através dos campos...
Eu falei na língua dos anjos
Eu segurei na mão do demônio...
Mas eu ainda não encontrei o que estou procurando...
Você quebrou as algemas
Livrou-se das correntes
Carregou a cruz e
Toda a minha vergonha...
Mas eu ainda não encontrei o que estou procurando*

Esse infinito desejo por satisfação, é evidente na obra,

assim como são as abordagens de Rubem Alves no prefácio de *"Sobre deuses e caquis"*,³⁴ sobre sentirmos o infinito do desejo que coisa alguma pode satisfazer. *"Daí que estamos condenados a ser eternos pranteadores"* (p. 14). Uma expressão de vazio parece permear a música de tão harmoniosa e tocante composição na voz de Bono Vox, vocalista da U2. Diversas vezes, enquanto ouvia esta canção, me recordei de Salomão que, em *Eclesiastes*, diante de uma perspectiva naturalista *"debaixo do sol"*, (importante esclarecimento), conclui não haver esperança no terreno – este é incompleto, cheio de vaidade e injustiça.

"Como o homem vem, assim ele vai, e o que obtém de todo o seu esforço em busca do vento?" (*Eclesiastes* 5:16)

De uma visão terrena, naturalista, cuja realidade última é esta, de fato, nada satisfaz e tem sentido, de maneira que sempre será necessário mais um estímulo, mais uma atividade, mais uma dose de prazer etc. Se a esperança acaba aqui, qual é o sentido? Em nossa igreja, estamos estudando sobre este livro nos cultos de domingo. Trago aqui uma frase do nosso pastor, Rodrigo Majewski, sobre o capítulo 1 do livro: *"A*

falta de sentido é um dos juízos de Deus pelo pecado."³⁵

Linkando Eclesiastes 5:16 com *1 Timóteo* 6:6-8, tem-se o contentamento como causando contraste nas perspectivas. Esse *"encontrar o que se está procurando"*, de uma perspectiva cristã, se relaciona com o contentamento em Deus. Fora isto, resta a angústia de estar no mundo como um ser lançado nele, submetido às injunções e necessidade dos fatos, néscio de esperança e talvez nem a almejando, como o que foi escrito por Antoine de Saint-Exupéry que disse que os homens perdem o essencial e não se dão conta disso (p. 73).

Leiamos *1 Timóteo* 6:7,8:

"De fato, a piedade com contentamento é grande fonte de lucro, pois nada trouxemos para este mundo e dele nada podemos levar; por isso, tendo o que comer e com que vestir-nos, estejamos com isso satisfeitos."

Salomão e Paulo falam uma "mesma língua" a respeito de o homem nascer, morrer e nada levar daqui. Entretanto, o primeiro traz a angústia de nossa caminhada que é comparada a uma corrida atrás do vento, sem esperança, enquanto o segundo nos encoraja com o contentamento, e a buscarmos

³⁴ ALVES, Rubem. *Da esperança*. Traduzido do inglês por João-Francisco Duarte Jr. — Campinas, SP: Papirus.

³⁵ *O Verdadeiro Sentido da Vida* | Rodrigo Majewski. <https://www.youtube.com/watch?v=OmsdgbH3nuY>

“justiça, a piedade, a fé, o amor, a perseverança e a mansidão” (1 Timóteo 6:11). Acaba que “desenvolver o contentamento é a chave para viver até Jesus voltar”.³⁶

Outra obra artística de conhecimento popular é da banda Rolling Stones, a música *I can't get no*:

Não consigo nenhuma
satisfação
eu tento, e eu tento, e eu tento, e
eu tento...
Quando estou dirigindo o meu
carro
E aquele homem surge no rádio
Me contando mais e mais
Sobre alguma informação inútil
Que deveria conduzir minha
imaginação
Não consigo nenhuma
Não consigo nenhuma
satisfação

É evidente a ânsia, a insatisfação latente, as tentativas e mais tentativas de encontrar satisfação. O ser humano busca preencher um vazio, lidar com a sensação de ausência, deseja por algo além de sua vida, e luta para encontrar esse algo. É notório que, através da arte, que é uma forma de expressão, o invisível interior humano ganha forma e se mostra ao mundo. Seja por meio da música, do cinema, da fotografia, da poesia, das pinturas etc. As obras refletem o modo de vida, podendo revelar o que está – e não está – no centro orientador de cada

ser humano. Poderíamos divagar através das mais diversas expressões populares que evidenciam essa busca de sentido.

Mas fica aqui a reflexão particular para cada um.

Uma transparente busca de sentido permeia o imaginário da humanidade. Essa necessidade de enxergar a si mesmo no mundo com alguém que tem um destino, com significado, futuro e esperança, provavelmente é o que está exposto em Romanos 8:23. Todos nós gememos em nosso íntimo, esperando com ansiosa expectativa, pela adoção como filhos, pela redenção de nossos corpos. Vimos que, já em Salomão, se externava essa angústia de uma vida sem esperança e vaidosa, esse vapor que se vai. O homem que descobre, faz, acontece, “escala montanhas”, mas no final tudo continua igual: jovens continuam desprezando os mais velhos, os seres cometendo impiedades, injustiças, enfim, “*nada de novo debaixo do sol*” (Eclesiastes 1:9).

Com os olhos apenas debaixo do sol, não há proveito. Sem uma perspectiva divina, que ensina sobre espera, paciência, e contentamento, mudando totalmente o modo de vida, não há sentido na caminhada, que se torna opaca e agitada. Mas, a partir dos olhos da fé,

lemos o mundo e olhamos para ele com outra percepção, de modo a vermos que a transitoriedade (o vapor, vaidade, vento) daqui, aponta para outra realidade, a eterna. Por meio da verdade das Escrituras, somos enviados ao mundo para encará-lo não de forma melancólica, mas com fé e sentido. Através dos olhos da fé e do amor, somos ensinados a esperar, a sermos pacientes, e isso nos livra do perigo do entretenimento hedonista, da carência por estímulos constantes, e nos conduz a esperança.

Por isso, lemos o mundo com luz e vivemos os prazeres deste mesmo modo. O Senhor redimiou nossos prazeres, renovou nossa natureza que antes andava segundo a carne para o abismo. É de nossa responsabilidade fugir do pecado, não misturar vinho novo em odre velho (Mateus 9:17), exercer nosso posicionamento segundo a transformação da nossa mente que, à luz das Escrituras, pode ser criteriosa acerca da cultura circundante, das artes e dos discursos que consumimos. Convém clarearmos, por meio de conversas, discussões e análises, a prática do nosso modo de vida em formação em um mundo como o nosso, todo contrastante.

Amorim fala sobre cultivar uma vida interior de boa teologia, bons filmes e boas

³⁶ Ibid.

conversas, pois tudo isso colabora para gerar proteção contra a sensualidade do mundo. O cultivo da esperança gera paciência, nos livrando do vício da carência por estímulos. Que a simplicidade da suficiência do que recebemos de Deus hoje, se torne nosso modo de vida, com a confiança de um Deus pessoal que entrou no nosso tempo para nos esperar, dar sentido e contentamento. Deus nos puxa pra fora, nos arranca de nós mesmos e nos

ensina a fitarmos os olhos Nele. Qualquer ensinamento que leve o ser a buscar forças dentro de si, como se ele mesmo pudesse salvar-se, elimina a esperança, elimina Deus e é incapaz de lidar com as incompletudes do coração, resultando nas ansiedades hedonistas e na busca por entretenimento e diversão como realidade última e única fonte de prazer, conforme muito bem exposto por Sabino:

“Uma sociedade que abandona Deus, não é capaz de lidar com os vazios do coração, buscando entretenimento e diversão”.³⁷

Como de costume, as músicas mencionadas no texto estarão na minha *playlist* no Spotify,³⁸ contendo todas as músicas que menciono nos textos para a revista. Que te seja um bom encontro!

³⁷ **Morrer de Tanto Viver: A Vida Foi Feita Para Ser Gasta | Felipe Sabino.**
https://www.youtube.com/watch?v=5fSw7p_g7RY

³⁸ [https://open.spotify.com/playlist/7M6w2fn4wpim74nsjBQkTj?go=1&sp_cid=8904c7d5-e776-4f31-82fb-](https://open.spotify.com/playlist/7M6w2fn4wpim74nsjBQkTj?go=1&sp_cid=8904c7d5-e776-4f31-82fb-99ecfa11622c&utm_source=embed_player_m&utm_medium=desktop&nd=1)

[99ecfa11622c&utm_source=embed_player_m&utm_medium=desktop&nd=1](https://open.spotify.com/playlist/7M6w2fn4wpim74nsjBQkTj?go=1&sp_cid=8904c7d5-e776-4f31-82fb-99ecfa11622c&utm_source=embed_player_m&utm_medium=desktop&nd=1)

